



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

RAMON DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**A GÍRIA NO DISCURSO DE SUJEITOS MARGINALIZADOS:
UMA ANÁLISE EM PERFIS DE REDES SOCIAIS DA INTERNET**

CAMPINA GRANDE – PB

2017

RAMON DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**A GÍRIA NO DISCURSO DE SUJEITOS MARGINALIZADOS:
UMA ANÁLISE EM PERFIS DE REDES SOCIAIS DA INTERNET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alfredina Rosa Oliveira do Vale

CAMPINA GRANDE – PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48g Oliveira, Ramon do Nascimento
A gíria no discurso de sujeitos marginalizados: uma análise em perfis de redes sociais da internet [manuscrito] / Ramon Do Nascimento Oliveira. - 2017.
73 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Alfredina Rosa Oliveira do Vale, Departamento de Letras e Artes".

1. Análise do discurso 2. Redes Sociais da Internet 3. Sujeito Marginal I. Título.

21. ed. CDD 401.41

RAMON DO NASCIMENTO OLIVEIRA

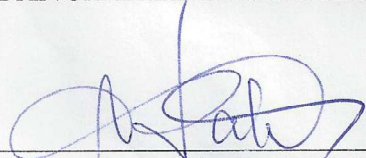
**A GÍRIA NO DISCURSO DE SUJEITOS MARGINALIZADOS:
UMA ANÁLISE EM PERFIS DE REDES SOCIAIS DA INTERNET**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Letras com Habitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

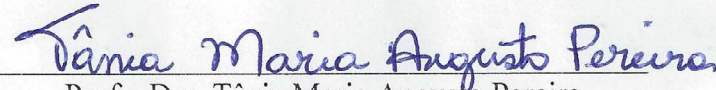
Área de concentração: Letras.

Aprovada em: 03, 09, 2014.

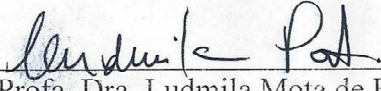
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Ludmila Mota de Figueiredo Porto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

- 2010

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a luz, fé e caminho da minha vida;

À minha orientadora, Alfredina Vale, por todos os aprendizados construídos tanto na disciplina Leitura e Elaboração de Textos II quanto na orientação desta pesquisa;

À minha família, por ser meu ponto forte e de apoio, especialmente à minha mãe, Mariluce, meu pai, Romero, meus irmãos, Guilherme e Aline, e às minhas avós, Francisca e Otacília.

Aos meus amigos de turma, por estarem ao meu lado na caminhada, especialmente a Bruna Maria, Marcela Oriente, Fabiana Souza, Bruna Mayara, Roberlânia Alves, Tayná Correa, Madson Diniz, Haiany Bezerra e Marcela Guimarães. À última, confesso que minhas definições de amizade mudaram positivamente depois de conhecê-la;

Aos meus amigos de viagem, ao sair de Juripiranga a Campina Grande todos os dias, ajudando a tornar as viagens em momentos de alegria. Agradeço especialmente a Sandra Diniz, Juliana Lira, Gislany Matias, Patrícia Souza, Ronaldo Andrade, Camila Mariz, Artur Cirino, Ângela Pereira, Maciel Costa, Alan Gouveia, Wellyngton Oliveira, Deise Pereira, Cristiane Pessoa, Jamilton Ferreira, Antônio Netto, Otacílio Neto, Isaedja Andrade, Adenilson Lopes e Alice Barros.

Aos meus amigos que também cultivei para a minha vida, que conheci nos tempos de escola e que continuarão sempre comigo: Daniela Barbosa, Géssica Lima, Mayara Gomes, Deoclécio Anjos, Joana Santos e Daniele Costa;

À professora que me abriu os olhos aos encantamentos da Análise do Discurso, Teresa Neuma de Farias Campina.

À Banca, que aceitou participar do momento de defesa e de uma melhor construção desta pesquisa, pelas pessoas de Tânia Maria Augusto Pereira e Ludmila Figueiredo de Mota Porto.

A todos os meus professores, tanto do curso de Letras, quanto do Ensino Médio, Fundamental e Educação Infantil, que me orientaram e me ajudaram a ser um cidadão;

A todos que, de certa forma, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar o discurso presente nas gírias oriundas de grupos marginais representados por perfis de redes sociais da internet e seus significados, que resultam em seu uso como estratégia de interação. Como objetivos específicos, pretendemos entender quais as questões culturais, sociais e históricas que levam à criação de gírias dentro de grupos marginais, utilizando, para isto, as categorias discursivas de memória, sujeito, ideologia; e identificar significados presentes nas gírias de grupos marginais e suas funções na interação social. A metodologia de nossa pesquisa é de natureza qualitativa, configurando a análise de cunho discursivo (COURTINE, 2008) levando em consideração o *corpus* de arquivo, em que este é composto de sequências discursivas, as gírias, e de imagens retiradas de páginas da rede social *facebook*. Para tal, houve uma busca a perfis públicos de redes sociais que representassem os grupos de sujeitos marginalizados e, obviamente, que publicassem gírias para a efetivação da pesquisa. Nosso trabalho é dividido em três capítulos: Discussões Metodológicas, sobre a natureza da pesquisa, constituição do corpus discursivo, e trajeto de análise, Discussões Teóricas, em que, para tal, buscamos as noções teóricas de Pêcheux (1983), Orlandi (2007) e Fonseca-Silva & Possenti (2007), acerca das questões de Discurso, Ideologia e Memória; Charaudeau (2015), sobre a identidade; Valadares (2005), sobre o sujeito marginalizado e a periferia; Preti (1983, 1984 e 2006) e Cabello (1991) sobre a gíria; e Amante (2014) no que diz respeito às questões de redes sociais da internet, e Discussões Analíticas, em que analisamos as gírias e imagens de perfil e de capa em publicações de páginas públicas na rede social *facebook*, sendo elas a *Brega Bregoso* e a *Eu me chamo ~KééHTLyN~*, discutindo o teor de identidade cultural e linguística através destes mecanismos. A pesquisa resultou em diversos interdiscursos de cunho cultural e social que originaram a formação das gírias e, conseqüentemente, da identidade do grupo social dos sujeitos marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Gíria. Discurso. Redes Sociais da Internet. Identidade. Sujeito Marginal.

ABSTRACT

This paper aims to analyse a speech present in slang from marginal groups, represented by social network profiles of the Internet, and which result in its use as an interaction strategy. As specific objectives, we intend to understand the cultural, social and historical issues that lead to the creation of slang within marginal groups, using, for this, the discursive categories of memory, subject, ideology; And identify meanings present in the slang of marginal groups and their functions in social interaction. The methodology of our work is qualitative, configuring the discursive analysis (Courtine, 2008), taking into account the file corpus method, in which it is composed of discursive sequences, slang, and images taken from Facebook social network the groups of marginalized subjects and, obviously, that they published slang for the accomplishment of the research. Our work is divided into three chapters: Metodological Discussions, at constitution of speech corpus, Theoretical Discussions, in which, for this, we seek the theoretical notions of Pêcheux (1983), Orlandi (2007) and Fonseca-Silva & Possenti (2007) on the issues of Discourse, Ideology and Memory; Charaudeau (2015), on identity; Valadares (2005), on the marginalized subject and the periphery; Preti (1983, 1984 and 2006) and Cabello (1991) on slang; And Amante (2014) with regard to social networking issues on the internet, and Analytical Discussions, in which we analyze the slang and profile and cover images in public page publications on the Facebook social network, such as *Brega Bregoso* and *Eu me chamo ~KééHTLyN~*, discussing the content of cultural and linguistic identity through these mechanisms. The research resulted in several cultural and social interdiscourses that originated the formation of slang and, consequently, the identity of the social group of marginalized subjects.

KEYWORDS: Slang. Speech. Social Networking on the Internet. Identity. Marginal Subject.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem de Perfil Novembro Azul.....	48
Figura 2 – Imagem de Perfil Outubro Rosa.....	48
Figura 3 – Imagem de Perfil Carnaval.....	49
Figura 4 – Imagem de Perfil Periferia.....	49
Figura 5 – Imagem de Perfil Eu me Chamo KééHTLyN.....	51
Figura 6 – Capa do Single <i>Anaconda</i> de Nicki Minaj.....	51
Figura 7 – Foto de Capa Copa do Mundo.....	52
Figura 8 – Foto de Capa Atual de Eu me chamo ~KééHTLyN~.....	52
Figura 9 – Publicação I da página Brega Bregoso.....	55
Figura 10 – Publicação II da página Brega Bregoso.....	59
Figura 11 – Publicação III da página Brega Bregoso.....	61
Figura 12 – Publicação I da página Eu me chamo ~KééHTLyN~.....	63
Figura 13 – Publicação II da página Eu me chamo ~KééHTLyN.....	65
Figura 14 – Publicação III da página Eu me chamo ~KééHTLyN.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. DISCUSSÕES METODOLÓGICAS	11
1.1. Metodologia da Pesquisa.....	11
1.1.1. Natureza da Pesquisa.....	11
1.1.2. Constituição do Corpus.....	12
1.1.3. Procedimentos de Análise.....	13
2. DISCUSSÕES TEÓRICAS	15
2.1. Linguística e Análise de Discurso.....	15
2.1.1. Análise de Discurso.....	15
2.1.1.1. Ideologia e Sujeito.....	18
2.1.1.2. Memória Discursiva/Interdiscurso.....	20
2.2. O Sujeito Marginalizado.....	24
2.2.1. Marginalidade e Sociedade.....	24
2.2.2. O Sujeito Marginal e a Construção Da Identidade.....	28
2.3. A Gíria.....	31
2.3.1. Gíria: Formação, Definição e Usos.....	31
2.3.1.1. Gíria, Regionalismo e Linguagem Obscena.....	36
2.3.1.2. Estágios da Gíria: do Surgimento à Dicionarização.....	37
2.3.2. Gíria e Interação.....	40
2.4. Redes Sociais da Internet e Identidade.....	41
2.4.1. Uma Breve História das Redes Sociais e a Importância para as Relações Humanas.....	42
2.4.2. Construção da Identidade nas Redes Sociais da Internet.....	43
3. DISCUSSÕES ANALÍTICAS	45
3.1. Perfis Analisados.....	45
3.1.1. Brega Bregoso.....	45
3.1.2. Eu me chamo ~KhééTHLyn~.....	46
3.1.3. Imagens dos Perfis.....	47
3.2. Análise dos Textos.....	54
3.2.1. Brega Bregoso.....	54
3.2.1.1. Texto I.....	55
3.2.1.2. Texto II.....	59
3.2.1.3. Texto III.....	61
3.2.2. Eu me chamo ~KééTHLyN~.....	62
3.2.2.1. Texto I.....	63
3.2.2.2. Texto II.....	65

3.2.2.3. Texto III.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	71

INTRODUÇÃO

A linguagem falada pela sociedade em geral, a que não é inserida em ambientes padrões nem normas e regras, é geralmente tida e nomeada como popular, coloquial, informal. Desse modo, há uma necessidade de dinamização da comunicação e interação, surgindo, geralmente em grupos sociais desprestigiados e principalmente em grupos marginais, um fenômeno linguístico que se renova através da dinâmica da língua, transformando-se em símbolo de identidade cultural e linguística deste grupo social. Tem-se, a partir de processos sócio-culturais acerca desta modalidade de interação, um desprestígio e preconceito às variantes e termos geralmente criados e utilizados por grupos sociais de pouca representação econômica, política e social, ainda mais por representar tais grupos, carregando identidade e funcionando como um signo destes grupos. O termo que, dessa forma, representa os grupos marginais e age como signo de grupo é o que chamamos de *gíria*.

A formação da *gíria* em grupo social demanda também a formação da identidade de um grupo. Geralmente, os grupos marginais, maior “fonte” de criação de *gírias*, são formados por sujeitos marginalizados advindos da periferia, local com carga histórica que permite uma investigação social e suas influências na vida de tais sujeitos. Quando há a criação da *gíria*, esta funciona como signo de grupo, elemento de *identidade*, e traz consigo, uma formação discursiva que engloba uma ideologia, que parte do seu uso como signo, e da *memória discursiva*, de onde geralmente se cria o sentido e significado da *gíria* nas situações cotidianas, carregando *sentido* pelo *sujeito*.

É necessário, dessa forma, compreender cada vez mais o sentido de tais *gírias* e como elas são utilizadas como estratégia de interação nos grupos marginais, observando seus sentidos, significados e seus conceitos vistos como discurso, além de investigar a identidade do perfil marginal atrelado ao social. O tema geral de nossa pesquisa é o discurso do sujeito marginal representado através da *gíria*, tendo como questão norteadora deste estudo a de pesquisar quais os processos de sentido construídos pelas *gírias* utilizadas em grupos marginais. A *gíria* construída em grupos marginais engloba uma série de sentidos e significados que estão juntos a fatores discursivos e identitários, fator este que constrói a relevância deste trabalho, pois mostra a necessidade de estudo da dinâmica da língua aplicada à *gíria* e ao discurso. Esta, portanto, é a nossa hipótese, pois mostra a necessidade de interesse à análise da *gíria* e do discurso. Dessa forma, temos como objetivo geral *analisar o discurso presente nas gírias oriundas de grupos marginais*

representados por perfis de redes sociais da internet e seus significados, que resultam em seu uso como estratégia de interação. Além disto, pretende-se investigar quais as questões culturais, sociais e históricas que levam ao desenvolvimento de gírias dentro de grupos marginais, atendo-se também ao perfil do local mais comum de surgimento dos grupos marginais: a periferia. Buscamos ainda entender o fator identitário na formação do perfil marginal, analisando gírias e instrumentos, produtos de consumo e demais signos. Busca-se ainda identificar significados presentes nas gírias de grupos marginais e suas funções na interação social.

Para o desenvolvimento deste trabalho, buscamos perfis públicos de redes sociais da internet, que representassem os grupos marginais, tanto em seu fator de identidade, buscado em imagens, quanto no fator linguístico, principalmente na publicação de gírias advindas do grupo marginal. Chegamos a duas páginas públicas que possuem o perfil desejado: *Brega Bregoso* e *Eu me chamo ~KééHTLyN~*, que dispõem imagens **públicas**.

Trazendo as discussões de teorias dos campos de conhecimento levantados acima, procuramos basicamente as noções teóricas de Orlandi (2007), Fonseca-Silva & Possenti (2007) e Pêcheux (1995), discutindo as questões de Análise do Discurso e dos conceitos-chave de Memória Discursiva e Ideologia; Preti (1983, 1984, 2006), Cabello (1991) e Valadares (2011) acerca da noção de gíria, sua formação, seu funcionamento como signo de grupo e como elemento linguístico; Charaudeau (2015), sobre as questões de identidade; Valladares (2005) trazendo questões sobre a periferia e processos de marginalização; e Amante (2014) sobre questões de RSI.

Este trabalho é composto de três capítulos, sendo eles: *Capítulo 1 – Discussões Metodológicas*, capítulo que abordará os embates de natureza da pesquisa, construção do *corpus* discursivo e procedimentos da análise desta pesquisa; *Capítulo 2 – Discussões Teóricas*, onde discute as noções teóricas que norteiam a pesquisa, já descritas acima; e o *Capítulo 3 – Discussões Analíticas*, apresenta a análise das gírias e as imagens publicadas pelas redes sociais escolhidas, constituindo o momento em que são colocadas em prática as observações discursivas sobre os sentidos na memória discursiva, ideologia, sujeito e identidade. As considerações finais não visam trazer conclusões, mas salientar as discussões que possam ficar em aberto, prontas para outras pesquisas.

Este trabalho é, desta forma, composto por questões que envolvem gíria e discurso em um ambiente que é cada vez mais “povoado”, mas ainda pouco pesquisado em relação ao seu crescimento: as redes sociais da internet.

1. DISCUSSÕES METODOLÓGICAS

1.1.METODOLOGIA DA PESQUISA

1.1.1.Natureza da Pesquisa

A pesquisa científica é realizada a partir do princípio básico da curiosidade. Como é construído durante o período acadêmico, em componentes curriculares que envolvem pesquisa e metodologia, o método científico é colocada o ponto essencial na produção de pesquisa acadêmica. Na pesquisa linguística, como formulada por Saussure (2006, p. 15) há a concepção da língua como um “objeto escondido”. O autor afirma que para se ter a língua como matéria para estudos, necessitamos de um ponto de vista prévio. Castilho (2010, p. 41) afirma que os estudiosos de uma língua “estão sempre pesquisando, e sempre produzindo resultados incompletos”. Dessa forma, é necessário *teorizar*, agrupar em interesses (categorias) e delimitar questões, temas, problemas, objetivos e hipóteses, naturais de quaisquer pesquisas.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, pois será uma análise de elementos pré-construídos. Segundo Gil (2007, p. 175), na pesquisa de natureza qualitativa não existem fórmulas prontas ou receitas que predefinem a pesquisa, estando basicamente ao estilo do pesquisador. Esta pesquisa se inscreve no campo da Análise do Discurso (AD), apresentando, primeiramente e obviamente, o estudo de um determinado discurso. Em sua natureza, como já dito anteriormente, este estudo é de base qualitativa, do tipo de *arquivo*, pois são analisados discursos em volta de determinados sujeitos/ideologias, organizada no pressuposto de cunho teórico-metodológico discursivo, uma vez que a AD possui tal capacidade como procedimento (Orlandi, 2007).

O quadro teórico geral da pesquisa em Análise do Discurso é ancorado na AD francesa, porém, adotamos perspectivas da AD brasileira, nas pesquisas de Orlandi, e questões ideológicas da teoria de Bakhtin (2006). Além da AD francesa, ainda tivemos como base de pesquisa as perspectivas sobre identidade, ancoradas na perspectiva cultural, vinculadas ao tema de marginalização social, que por sua vez se perpetua na linguagem, na concepção do nosso tema central, que é a gíria dos sujeitos marginalizados manifestada nas redes sociais. De acordo com Orlandi (2013), analisar discursos está no entremeio da descrição à interpretação, sendo o texto – materialidade linguística e histórica do discurso – o ponto de partida.

1.1.2. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Um *corpus* possui basicamente uma definição em pesquisas de trabalho acadêmico: é o material (não apenas no sentido de materialidade, concreto) com o qual a pesquisa é baseada. De acordo com Aluísio e Almeida (2006) apud Galisson e Coste, *corpus* pode ser definido como:

um conjunto finito de enunciados tomados como objeto de análise. Mais precisamente, conjunto finito de enunciados considerados característicos do tipo de língua a estudar, reunidos para servirem de base à descrição e, eventualmente, à elaboração de um modelo explicativo dessa língua. Trata-se, pois, de uma colecção de documentos quer orais (gravados ou transcritos) quer escritos, quer orais e escritos, de acordo com o tipo de investigação pretendido. As dimensões do corpus variam segundo os objectivos do investigador e o volume dos enunciados considerados como característicos do fenómeno a estudar. Um corpus é chamado exaustivo quando compreende todos os enunciados característicos. E é chamado selectivo quando compreende apenas uma parte desses enunciados. (ALUÍSIO E ALMEIDA, 2006, p.2, apud. GALISSON & COSTE, 1983).

Na AD, um *corpus* tende a possuir uma abordagem diferente dos demais tipos de pesquisa. Courtine (2014, p. 54) define *corpus* “como um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP [condições de produção] do discurso”. Sequências discursivas, segundo o autor, são “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase” (p. 55). Dessa forma, é de responsabilidade do analista do discurso investigar as possíveis “discursividades” que podem ser aproveitadas e pesquisadas em um determinado discurso, montando o seu próprio método de análise, desde que esteja dentro das próprias configurações apresentadas no discurso. Este trabalho possui, dessa forma, um *corpus* de natureza enunciativa, uma vez que se trabalha com enunciados (sequências discursivas) com ressonâncias discursivas.

Courtine (2014, p. 77) aponta que existem dois tipos de *corpora* numa constituição de análise discursiva: os *corpora de arquivo* e os *corpora experimentais*. Os *corpora* de arquivo são arquivos pré-existentes, que já foram construídos, produzidos em um determinado momento. Os *corpora* experimentais são construídos a partir de respostas a uma questão, a uma instrução, entre outros métodos, parecem, a grosso modo, com uma coleta de dados.

Nesta pesquisa, o *corpora* adotado será o *de arquivo* e o *corpus* constituído de sequências discursivas retiradas de páginas públicas da rede social *facebook*. A seleção

do corpus ocorreu respeitando a seguinte sequência: 1 - relevância do enunciado para a pesquisa; 2 - presença de gírias em tais enunciados; 3 - preferência por gírias marginais com carga identitária marginal. Vale salientar que, além da análise das gírias, também analisaremos as imagens de perfil e de capa presentes nas páginas das redes sociais. Esta análise também teve o cunho intradiscursivo, fator apresentado em aspectos sócio-históricos, principalmente na análise das Figuras.

As sequências discursivas foram selecionadas nas páginas da rede social facebook intituladas “Brega Bregoso” e “Eu me chamo KééHTLyN”, que serão descritas no capítulo de análise deste estudo. Foram escolhidas, para análise, 6 sequências discursivas ao total, 3 em cada página. Para a análise, selecionamos ora gírias isoladas, ora expressões gírias, totalizando 21 gírias ou expressões, sendo 12 na página “Brega Bregoso” e 9 na página “Eu me chamo ~KééHTLyN~”. Além das sequências discursivas, também analisamos as imagens de perfil e de capa das duas páginas, fazendo associações sociais, culturais e históricas com fatores de identidade e discurso.

Ressaltamos que o discurso que analisamos é o discurso *sobre* o sujeito marginal, através de sequências discursivas publicadas em páginas de redes sociais. Orlandi (2007) afirma que “os discursos *sobre* são formas cruciais na inconstitucionalização dos sentidos. É no discurso sobre que se trabalha o conceito de polifonia. Ou seja, o discurso sobre é um lugar importante para organizar as diferentes vozes” (1990, p. 37). Desse modo, quando se trabalha com o discurso sobre, há uma grande possibilidade de discursos cruzados, interdiscursos, diálogos e identidades, fato que se estende à nossa pesquisa.

1.1.3. PROCEDIMENTOS E TRAJETO DE ANÁLISE

A análise da pesquisa foi feita a partir da constituição do *corpora* de arquivo, com *corpus* constituído de sequências discursivas e de figuras, no campo intradiscursivo.

Inicialmente, na parte de Fundamentação Teórica, fizemos um trajeto para explicar os conceitos ligados à constituição do elemento gíria. A Fundamentação Teórica, capítulo 2 do trabalho, foi composta pela seguinte sequência: 1) Fundamentos de Linguística e Análise do Discurso, onde aborda um breve percurso histórico da linguística até o surgimento da AD Francesa, em que, nesta perspectiva, discutiremos os conceitos de Discurso, Formação Discursiva, Sujeito, Ideologia e de Memória Discursiva (Interdiscurso), (PÊCHEUX, 1995, 2008; ORLANDI, 2007), dando atenção principalmente a estes últimos conceitos-chave; 2) Concepções sobre Marginalidade e

Sujeito Marginal, onde desvela questões sobre a historicidade e surgimento da periferia e dos grupos marginais, e descreve e discute o fator e função da identidade no meio marginal; 3) A Gíria, onde citaremos as origens da gíria, a importância da gíria como estratégia de interação entre sujeitos marginalizados, gerando um signo (BAKHTIN, 2006), e estágios de formação da gíria; e o momento 4), Redes Sociais da Internet, onde citaremos noções sobre a identidade de perfis pessoais e públicos nas redes sociais, além de uma breve historicização sobre os mecanismos de interação na Internet.

O capítulo III é direcionado à análise das duas páginas virtuais. Como já dito antes, são analisadas 21 gírias retiradas de sequências discursivas geradas em RSI. Como procedimentos de análise, selecionamos inicialmente 13 figuras entre fotos de capa e de perfil das mesmas páginas. A análise das imagens busca, sobretudo, efeitos de sentido de processos históricos, de identidade e de constituição dos sujeitos envolvidos nas páginas de redes sociais. Foi feita, dessa forma, uma Análise de Conteúdo das imagens, observando o intra e interdiscurso. Logo após a análise das figuras e uma possível analogia de perfil do sujeito marginal retratada nos pontos de análise da figura, faremos a análise das gírias. A análise foi feita primeiramente com a seleção das gírias ou expressões gírias de maior relevância para a construção da produção de sentidos. Foi realizado um resgate discursivo do que representa a gíria, principalmente a sua função para o grupo marginal, investigando relações com a memória discursiva e a ideologia do sujeito representado na gíria.

O significado das gírias foi investigado, neste trabalho, através de três modos: a pesquisa a vídeos disponíveis na própria página de perfil na rede social facebook ou na outra rede social que também possui perfil, *YouTube*, intitulado TV Bregoso. Nestes vídeos, os criadores das páginas descrevem significados de algumas gírias marginais advindas da periferia, ajudando, dessa forma, a construção desta pesquisa. Os significados também foram pesquisados em dicionários, quando estas já estão dicionarizadas, obviamente. Por último, o significado foi deduzido através do contexto apresentado nas postagens das duas páginas.

Este trabalho inclui questões linguísticas que envolvem procedimentos de análise, investigação, identificação e busca a processos sociais, culturais e históricos inseridos no objeto central de nossa pesquisa.

2. DISCUSSÕES TEÓRICAS

2.1. LINGUÍSTICA E ANÁLISE DO DISCURSO

Neste primeiro ponto de discussão, iremos nos ater às questões teóricas relacionadas à Linguística, trazendo posições históricas e de sua construção como ciência. Logo depois, a AD, discutindo questões que tangem os processos formativos, pragmáticos e discursivos dos conceitos-chave desta vertente científica, e no conceito-chave do discurso, que é utilizado ao longo do trabalho: a Memória Discursiva e seus efeitos na linguagem. É necessário tocar, sobretudo, no grande período antes do surgimento da AD: o surgimento dos estudos linguísticos, em Panini, na Índia, há 2.500 anos. No século XIX, a Linguística era desenvolvida com base na história, através de estudos comparativos entre línguas, sendo uma herança dos estudos desenvolvidos pelos Irmãos Grimm, que apresentaram resultados que apontam semelhanças entre as línguas tradicionais europeias (grego e latim), línguas germânicas e sânscrito, língua morta falada na Índia.

A Linguística veio, de fato, a se tornar ciência, a partir da obra Curso de Linguística Geral, produzido pelas anotações dos alunos de Ferdinand de Saussure, considerado o precursor desta ciência. Saussure apresentava as dicotomias, como a *langue* e a *parole*, que se tornaram o ponto de partida vários estudos em Linguística. Logo depois, vários pesquisadores, como Bakhtin/Voloshinov, Chomsky, Jakobson, Hjelmslev, entre vários outros importantes autores desenvolveram estudos em Linguística. A partir destes estudos, as teorias acerca das dimensões da língua foram surgindo, diferenciando-se de teses e apostando nas questões de uso da língua, tanto nas dimensões de escrita quanto de fala e também de discurso. Entre estas novas vertentes, surgem as categorias interdisciplinares, como a Linguística de Texto, Análise da Conversação, Sociolinguística, Psicolinguística e Análise do Discurso.

2.1.1. ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso é uma vertente que surgiu nos confins dos anos 1950 e 1960, possuindo duas linhas de estudo com bases semelhantes, mas objetos de estudos divergentes: a Europeia, tendo como representante inicial o analista de discurso francês Michel Pêcheux, e a Americana, possuindo uma representação maior nas teorias de Harris. Ateremo-nos, nesta pesquisa, à corrente de linha Francesa, ou simplesmente AD

Francesa (Análise do Discurso Francesa), com base nas representações teóricas de Michel Pêcheux e de uma de suas “representantes” no Brasil, Eni Orlandi.

A AD francesa surgiu em um momento de preocupação com as práticas de leitura, por ordens políticas, científicas e sociais na década de 1960. Começou-se a pensar, portanto, que a língua não é apenas um instrumento de comunicação, não é neutra, mas carregada de ideologia, de história, de política. Nessa problemática, surgem as necessidades de estudos do discurso, que se desenvolveram fortemente nas décadas de 1960, 1970 e 1980, e “ramificaram-se” e aprofundaram-se nas décadas seguintes. Via-se desse modo, a necessidade de um estudo que visasse como os discursos se constroem, como eles existem na sociedade, como eles atuam na história, na sua construção de sentidos, entre outros aspectos.

Antes de tudo, é essencial que tenhamos a noção sobre o que é o objeto principal de pesquisa neste campo. Como o próprio nome diz, a AD não analisa pontos gramaticais, pedagógicos nem puramente de outros campos (embora estes pontos façam parte de interesse de estudo), mas o *discurso* (ORLANDI, 2007). Significados, sentidos, formas de interação entre o mundo e o homem falante são pontos de fundamentação do discurso. Segundo a mesma autora (2007, p. 20), “[...] a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática da linguagem [...]”. Desse modo, o discurso não deve ser compreendido assim como a língua, que pode ser definida como um sistema abstrato, mas, “com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas” (ORLANDI, 2007, p. 20)

Na concepção Pêcheuxtiana, o discurso ocorre a partir de decorrências de processos históricos dos sentidos e que causam, portanto, efeitos de sentido. Por conseguinte, para entender o discurso de uma determinada teoria, ideia, formação, forma política, entre várias outras colocações discursivas, deve-se procurar a materialidade, ou seja, o texto. Define-se ainda melhor, e em outras palavras que os estudos do discurso (e, portanto, de AD) podem ser resumidos, na concepção pêcheuxtiana, como os processos de significação de efeitos de sentido de uma determinada materialidade linguística.

O discurso funciona, desse modo, a partir do homem falante, do mundo em que ele está inserido, tocando nas questões do modo social (envolvendo práticas políticas, culturais e de outras naturezas). Desse modo, o discurso se atrela a um sistema de

representações de valores, ideias e principalmente de práticas sustentados pelo sujeito falante, sendo este sistema também chamado de ideologia.

A partir daí, vemos os eixos norteadores da concepção discursiva de AD pêcheuxtiana, discutidos principalmente nas obras *Análise Automática do Discurso* (1969), conhecida academicamente como ADD-69 e *Les Verités de la Palice* (1975) (traduzida em 1988 como *Semântica e Discurso: ideologia, formação discursiva, interdiscurso e sujeito*), com todos os seus desdobramentos discutidos por Pêcheux, que reterritorializa as teorias de Althusser.

O próprio Pêcheux também determina a sua obra em três fases, ou três épocas. De acordo com Gregolin (2004, p. 60), “o que foi chamado de “três épocas da análise do discurso” por Pêcheux revela os embates, as reconstruções, as retificações operadas na constituição do campo teórico da análise do discurso francesa.”, sendo a tais épocas acrescentados pontos de vista e propostas que reorganizam, à medida do andamento de tais épocas, a AD, pelas quais faremos um resumo a seguir.

A “primeira época” ou “primeira etapa” da AD insere o cruzamento de pesquisas de Pêcheux, Althusser e Lacan, que, por suas vezes, fizeram releituras das teorias de Saussure, Marx e Freud, respectivamente, tendo ápice na formação dos estudos de Pêcheux. Ele propõe as questões discursivas com base nas propostas de Saussure, colocando a *langue* como a base dos processos discursivos (GREGOLIN, 2007). É importante ressaltar que duas concepções teóricas de Saussure sobre *langue* permanecem em duas épocas; a primeira, a de que a língua é um sistema, e na segunda, a língua é social. Desse modo, Pêcheux incorpora à língua as questões de sujeito e história, deslocando o objeto e, com isso, “inaugurando” a noção de discurso, tendo a *langue* como ponto de partida. A questão do assujeitamento é discutida pelos pontos de formação do discurso. Segundo esta teoria, o sujeito não é dono do que diz, sendo atravessado por pontos ideológicos e pela inconsciência, visto como sujeito assujeitado, ou seja, alguém que não modifica seu discurso, apenas sendo capaz de repeti-lo de acordo com sua ideologia, reproduzindo o que já foi dito, o que já foi produzido.

A segunda época é regida pela construção da heterogeneidade, sendo discutidas as questões da importância do outro e da ressignificação do conceito de formação discursiva, discutindo as teorias de Foucault. Além disso, é inserida nesta segunda época o conceito de interdiscurso, em que, segundo Pêcheux (1983, p. 314) “é introduzida para designar o “exterior específico” de uma FD (formação discursiva)”. Segundo o autor, tal noção de interdiscurso apenas resulta na continuação da noção de assujeitamento do

sujeito discursivo, não modificando questões profundamente na questão discursiva. Pêcheux (1983) afirma que

do ponto de vista dos procedimentos, AD-2 manifesta muito poucas inovações: o deslocamento é sobretudo sensível ao nível de construção dos corpos discursivos, que permitem trabalhar sistematicamente suas influências internas desiguais, ultrapassando o nível da justaposição contrastada. (PÊCHEUX, p. 314, 1983)

A terceira época da AD mostra finalmente a terceira transformação do sujeito discursivo: na primeira época, tratado como inconsciente e puramente marcado pela ideologia, como uma espécie de homogeneidade; na segunda, modificado, porém ainda tratado como assujeitado, e na terceira, o sujeito passa a ser visto em sua forma heterogênea, deixando de ser dono de si, já que o “outro” também faz parte de sua identidade, sendo o sujeito, através da interação com o outro, capaz de modificar sentidos, e, sobretudo, de inserir novos sentidos à memória (interdiscurso), do ponto de vista histórico e discursivo. Além disso, segundo Gregolin (2004, p. 64), as bases políticas de Pêcheux são modificadas: com as suas mudanças de posições ideológicas contidas no Partido Comunista, o autor abre questões sobre o discurso, a interpretação, a estrutura e o acontecimento.

Discutiremos a seguir, de forma mais específica, os conceitos de Ideologia, Sujeito e Memória Discursiva, sempre ressaltando as obras de Pêcheux (1995) e Orlandi (2007), basicamente.

2.1.1.1. IDEOLOGIA E SUJEITO

Em ideologia, Pêcheux inicia seu conceito através da teoria de *Aparelho Repressivo do Estado*, de Marx, à transição para *Aparelho Ideológico do Estado*. Esses aparelhos são representados por lugares onde podem ser desenvolvidas as ideologias, sendo estes lugares, por exemplo, a Igreja, o meio jurídico, econômico, a mídia de massa, entre outros, que incorporem, sobretudo, a luta de classes. Esses lugares, dessa forma, não são a ideologia por si só, e sim o lugar e o meio onde são formadas. Desse modo, Pêcheux apresenta a concepção de que “As ideologias não são feitas de “ideias”, mas de práticas” (1995, p. 144). Tais práticas são relacionadas à sua formação ideológica e a *formação discursiva*. Este termo é utilizado inicialmente por Foucault em *A Arqueologia do Saber*, sendo retomado por Pêcheux em *Semântica e Discurso* e em obras anteriores. A formação discursiva está, segundo Pêcheux, ligada ao conceito de formação ideológica, inicialmente, e também ao conceito de *interdiscurso*, retomado na obra de 1975,

Semântica e Discurso) Lés Verités de La Palice. Quanto à primeira (a da formação ideológica), Pêcheux cita que em cada formação ideológica estão presentes formações discursivas, que por sua vez estão conectadas à mudanças e movimentos de sentido decorrentes da prática da linguagem.

No que se refere à associação com o interdiscurso, Pêcheux apresenta o postulado de que, nas formações discursivas e suas construções, as construções sempre falam em algum lugar anterior, independente, em outro lugar (p. 162). A sua relação (a de interdiscurso) está, portanto, em relações de troca entre uma formação discursiva e outra dentro de um sistema ideológico. Em outras palavras, o interdiscurso é trazido como um discurso “transverso”. As questões de interdiscurso/memória discursiva serão melhor discutidas no próximo tópico. Neste ponto, relacionando as concepções de formação ideológica, formação discursiva e interdiscurso, é necessário dizer que a origem do discurso está no próprio discurso e na formação discursiva de determinada ideologia, como um jogo entre determinantes desta natureza.

O sujeito é, em AD Francesa, diferente de indivíduo. O indivíduo é colocado como uma pessoa, de natureza biológica. Já o sujeito é uma dimensão do indivíduo quando este funciona como enunciador de um discurso. Um indivíduo é transformado em sujeito quando este é tomado de forma inconsciente por uma ideologia. Este processo é chamado, por Pêcheux (1995) de interpelação.

Seguindo a proposta da construção da ideologia, Pêcheux reterritorializa o conceito althusseriano de que a ideologia *interpela* indivíduos em sujeitos. A interpelação de um sujeito surge quando o inconsciente ideológico é tomado para si. Os sujeitos, desse modo, são sujeitos da linguagem e sujeito à linguagem e *sujeitos da ideologia e sujeitos à ideologia*, à sua historicidade. Tal interpelação ocorre até antes do nascimento, uma vez que há submissão de significações. Há a interpelação, dessa forma, devido ao fato do sujeito passar por processos ideológicos e sociais em sua constituição como indivíduo. Ainda aí, é importante ressaltar que o sujeito significa e significa-se pelo simbólico, pelo que é representado pela ideologia. Resumindo, diz-se que o sujeito é sujeito de uma ideologia, já interpelado, identificado com uma ideologia e sujeito a porque é sujeito do processo de interpelação.

2.1.1.2. MEMÓRIA DISCURSIVA

São amplamente discutíveis os conceitos de memória nos contextos social, biológico e histórico. A necessidade é, antes de tudo, diferenciar as conceituações acerca da função da memória nos indivíduos de uma sociedade. Na AD francesa, a memória é imbuída de diferentes noções, que englobam contextos sociais em geral e em grupo.

A memória, se buscarmos pelos mais antigos registros históricos, sempre foi cercada de mistério, principalmente por ser uma atividade humana que também era vista como folclórica. Na Grécia, a memória é apresentada por Hesíodo (séc. VII a. c.) no poema Teogonia como uma deusa (Mnemosyne), da primeira geração, que foi amada por Zeus e gerou nove musas¹, em que cada uma delas possui um determinado “poder” que se relaciona com o sentido de memória. Fonseca-Silva & Possenti (2007, p. 12) afirmam que a partir destes poderes, há a relação de esquecimento, mentira, presentificação, nomeação, entre outros. Os autores ainda explanam sobre Platão, que, séculos depois, apresentou a teoria da lâmina de cera. De acordo com esta teoria, as lembranças ficam marcadas na memória assim como as marcas que ficam em uma lâmina de cera, e que, depois de algum tempo (equivalente ao apagar da marca na lâmina), a lâmina estaria lisa, sem marcas, resultando no esquecimento completo de algum fato acontecido.

No âmbito filosófico e psicológico, a memória é causadora de discussões que englobam as teorias de personalidades famosas no contexto não apenas do meio acadêmico, mas na cultura universal, como Nietzsche e Freud. Nietzsche entende a memória como um fator biológico que é moldado através dos anos. Segundo Fonseca-Silva & Possenti (2007, p. 14), “a memória, segundo o filósofo, faz parte da vida do homem, mas o excesso de memória envenena a vida.”. Os autores, desse modo, incitam que Nietzsche possibilitou a positividade do esquecimento, justificando-se na existência da docilidade humana (em tempos modernos) para compreender tal positividade, que foi, como dito antes, moldada através dos anos, com a necessidade da censura de instintos humanos. Freud, segundo os mesmos autores, indica a memória como uma flexibilização

¹ Musas, na Mitologia Grega, eram entidades filhas de Mnemosyne (Memória) e de Zeus, que despertavam nos homens a vontade da criação artística ou científica. Eram descritas como protetoras das Ciências, Artes e das Letras. Cada musa era responsável por uma forma artística ou científica, como tarefas a serem cumpridas, assim como os deuses. Cada uma possuía uma destas atividades a serem protegidas, sendo elas: a poesia heroica, a história, a música, a tragédia, a comédia, a dança, a poesia lírica, a elegia e a astronomia. A relação de memória está em cada uma destas tarefas, como uma dádiva.

ROSARIO, C. C. do. **O Lugar Mítico da Memória**. Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas. Ano 1, n. 1, 2002.

entre passado e o presente, englobando fatores sociais em detrimento do inconsciente individual.

Através das discussões explanadas acima, podemos inferir a noção de memória através do discurso, ou a memória discursiva, que se difere do *saber* e da *história*, apesar de estarem entrelaçados.

A diferença entre *história* e *memória* impõe um ritmo cauteloso quanto à constituição e definição da memória. Implica-se a isto a inserção da dicotomia entre memória coletiva e memória individual. A estes pontos, Maurice Halbwachs, em sua obra “La Mémoire Collective” (1950), insere diversas perspectivas quanto à noção de tais mecanismos. Segundo Halbwachs apud. Fonseca-Silva (2007, p. 17), a memória individual só existe a partir de uma memória coletiva, em que as lembranças são constituídas no interior de um grupo social. Desse modo, a memória de um indivíduo pode ser comum a outros indivíduos, refletindo fatos que aconteceram em comum, mas que dependem de próprias percepções e recepções. Porém, por sua vez, a memória coletiva nunca é idêntica a qualquer fato acontecido no passado, configurando, conseqüentemente, uma primeira divergência entre história e memória. Ainda na colocação de memória coletiva, o autor explicita que este termo não deve ser visto no singular, mas no plural (*memórias coletivas*), objetivando o sentido de lembranças de grupo(s). A memória individual seria, do ponto de vista de Halbwachs (2004, p. 51-52), um ponto dentro da memória coletiva, estabelecendo um olhar sobre a memória coletiva, sendo este olhar variante de acordo com diversos fatores (classe social, posicionamento político, ideologia, gênero, condição sexual, entre outros), ou seja, pelo lugar que o indivíduo ocupa no grupo social e as interferências do meio.

Tendo como base as afirmações acerca da memória coletiva e memória individual, podemos dizer que a diferença entre memória e história é justamente o plano factual. A memória, no plano discursivo, é obviamente constituída de um acontecimento passado, algo que houve e que proporcionou memorização, mas somente a memória *histórica* apresenta valores datais, objetividade, constituição fatídica. Como é colocado por Fonseca-Silva e Possenti,

“[...] história é o lugar da objetividade, da não implicação do sujeito histórico, da inscrição daquilo que ocorreu no plano puramente factual. A história começa do ponto de vista onde acaba a memória, momento em que se acaba ou se decompõe a memória social. E a memória acaba quando não tem mais como suporte um grupo que a faz funcionar física e afetivamente”. (FONSECA-SILVA & POSSENTI, 2007, p. 17)

O saber, por sua vez, é alocado na constituição da história. Pode-se definir, portanto, como “um conjunto de restrições semânticas” (Possenti, 2008, p. 23), valendo-se dos valores e dos conceitos históricos, que é inerente ao conhecimento e à inteligência.

No contexto de memória coletiva, Fonseca-Silva e Possenti (2007) discutem as contribuições de Nora (1984) sobre as teorias estabelecidas por Halbwachs. Nora defende a ideia de que é preciso criar *lugares de memória* para que as memórias existam em algum lugar.

O conceito de lugares de memória é trazido por Pierre Nora, pesquisador francês, que retoma, esclarece e redefine algumas noções não aprofundadas de memória. De acordo com Vieira (2015, p. 1), “os lugares de memória nascem e vivem, portanto, do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos”, desenvolvendo a hipótese de que tais lugares geram condições para a emergência da memória. Segundo Nora, os lugares de memória são definidos como lugares materiais, funcionais e simbólicos. Tais lugares remetem a espaços que trazem consigo cargas identitárias, como museus, cemitérios, festas, igrejas, ruas, entre outros sistemas que permitem um signo discursivo e de identidade. Com isto, é comum que pessoas resgatem boas memórias acontecidas em determinado lugar, fazendo “reviver” momentos acontecidos, ou ainda, caso a memória não seja positiva, evitar ou nunca passar por tais lugares.

Entre tais noções que englobam a construção da memória discursiva, os momentos políticos vividos pelo Brasil nos últimos anos permitem uma colocação de identidade, signo, memória coletiva e individual e de lugares de memória. Utilizando um fato político como exemplificação, os movimentos sociais/populacionais que surgiram no Brasil em Junho de 2013 foram previamente motivados por outras manifestações que ocorreram no mundo em anos anteriores, especialmente o evento histórico que ficou conhecido por “Primavera Árabe”, em países da África e do Oriente Médio. Nas manifestações surgidas em Junho de 2013, era comum o uso de slogans provenientes de campanhas publicitárias, entre eles os mais conhecidos: o “Vem pra Rua”, veiculado pela construtora de veículos motorizados Fiat; e “O Gigante Acordou”, veiculado pela marca de whisky Johnnie Walker. Tanto “Vem pra Rua” quanto “O Gigante Acordou” traziam consigo marcas de memória: a primeira, o local onde a população busca direitos e se manifesta, a rua; o segundo, por remeter ao trecho do hino nacional do Brasil “Gigante pela própria natureza”, trazendo o discurso de patriotismo, que serviu de pilar para os cartazes construídos e levados pelos manifestantes nos protestos desta época.

Nas manifestações ocorridas nos anos de 2015 e 2016, que pediam o impedimento da então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, houve o uso frequente (entre inúmeros outros) dos slogans “Fora Dilma”, “Fora PT” e “Impeachment Já”, tanto como palavras de ordem faladas quanto escritas em faixas e cartazes. Ora, observemos a construção de sentidos obtidos pela memória através dos enunciados: “Fora Dilma” e “Fora PT” remetiam a um outro evento histórico que os manifestantes obtiveram sucesso: o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Melo. A memória coletiva trazia consigo as condições de produções de enunciados que proporcionassem tais sentidos. Já o enunciado “Impeachment Já” remetia ao enunciado “Diretas Já”, outro momento histórico que envolveu a dicotomia população/representantes políticos. O lugar de memória em tais manifestações consiste num lugar em comum que ocorreram tais manifestações: a rua. Segundo Fonseca-Silva (2007, p. 19), “um lugar de memória, segundo o autor (Nora), é investido pela imaginação de uma aura simbólica, é um objeto de um ritual”, reafirmando o conceito sobre a rua como âmbito para a ocorrência de manifestações populares.

A Memória, quando é disposta no sistema de discurso, é referida como interdiscurso. Segundo Orlandi (2007, p. 31)

o interdiscurso [...] é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, p. 31, 2007)

Orlandi, ao fazer sua colocação sobre interdiscurso, alerta sobre o que já foi dito em um determinado tempo e, ao utilizar em outro discurso, o sujeito falante faz uso do enunciado dito no passado, ativando o sentido de memória em seu discurso, representando assim o sentido discursivo de memória.

Desse modo, é essencial dizer que a Linguagem existia antes de nós e vai continuar existindo depois de nossa existência. Os atuais sujeitos falantes proverão apenas sentidos diferentes, significados diferentes de termos, conceitos e demais construções linguísticas de nossos antepassados. A memória discursiva, dessa forma, age entrelaçando questões de momentos acontecidos e um determinado ponto no passado, o discurso e o sujeito falante, este inserido como membro de grupos sociais e proporcionando novos rumos e momentos que servirão para a criação de novas memórias.

2.2. O SUJEITO MARGINALIZADO

A sociedade nomeia de *marginal* as pessoas que atuam fora dos padrões de cidadania, ou, mais frequentemente e usualmente, quaisquer pessoas que cometem crimes, sendo a elas empregado alguns outros sinônimos que compreendem o campo semântico da marginalidade. Neste tópico, trataremos sobre os meios de formação de identidade do sujeito marginalizado, processos de marginalização e o principal local onde são alocados de modo diatópico os sujeitos marginais: a periferia.

2.2.1. MARGINALIDADE E SOCIEDADE

A marginalidade é tida comumente como um dos grandes fatores negativos da sociedade. É bastante frequente vermos notícias e reportagens em jornais televisivos e impressos, revistas informativas, programas sensacionalistas e *links* na internet utilizando o termo “marginal” apenas se referindo a pessoas que cometem crimes.

Partindo da premissa da significação das palavras, buscamos o significado das palavras em associação: *marginal*, *marginalizar* e *marginalidade*. De acordo com o Dicionário da Academia Brasileira de Letras (2011, p. 828), *marginal* significa “1. Que se situa na margem de um curso de água. 2. Relativo à margem. 3. Que vive à margem do seu meio social, das condições ou das leis vigentes; marginalizado. 4. Pessoa marginal, delinquente, bandido, meliante, fora da lei.”. Já a palavra *marginalidade* indica o significado de “condição de quem é marginal ou está marginalizado”. Por sua vez, a palavra *marginalizar* indica “por alguém à margem de um (grupo, de uma sociedade, da vida pública); impedir sua integração ou participação. 2 Tornar-se marginal; cometer atos criminosos.”. As três palavras, seguindo o significado do verbete contido nos dicionários, indicam o mesmo sentido: o de exclusão, o de não integridade à sociedade em geral, tida, obviamente, como fato negativo.

É fundamental que, antes de alguma discussão sobre os processos de marginalização, haja uma importante e breve colocação a respeito do lugar onde geralmente se atribui o local de memória mais comum de sujeitos marginalizados: a periferia. É importante ainda, ressaltar que não apenas a periferia é tida como local de marginalização, mas esta é a localidade de maior expressão na sociedade brasileira onde há um “natural” processo de marginalização, através dos preconceitos sociais de raça, crença, e também de misoginia e xenofobia.

A periferia, geralmente uma região sem prestígio nas metrópoles, localizada às margens do centro, é vista principalmente e preconceituosamente como um local de

perigo social ou de “criação” do perigo social, onde há apenas pessoas que representam algum risco para as outras regiões da cidade, principalmente os bairros nobres e as regiões comerciais. Os processos sociais pelos quais a periferia passou foram, obviamente, determinantes na construção da historicidade e de fatores sociais hoje presentes. Felizmente, através de estudos sociais que tem sido discutidos nas ciências sociais, o tratamento da periferia tem sido modificado, mas ainda é pouco diante do mau tratamento e preconceito ainda existente.

O surgimento da periferia, que também chamaremos de favela (pelo valor semântico-histórico que este termo carrega) é envolto de um mito que se desenvolveu através da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Porém, é necessário ir um pouco mais no passado: o surgimento dos cortiços no Rio de Janeiro. Segundo Valladares (2005, p. 24) “o cortiço carioca era visto como antro da vagabundagem e do crime, além de um lugar propício às epidemias, constituindo ameaça à ordem social e moral”. A mesma autora afirma que “esse tipo de habitat pode ser considerado o “germe” da favela” – não indo pelo lado pejorativo da palavra germe, mas pelo lado de surgimento, assim como as primeiras células que das quais surgem a vida humana, animal, vegetal. Houve, desse modo, algumas campanhas de tentativas de “higienização” destes locais, através de campanhas de saneamento que duraram anos. Tais higienizações previam não apenas a erradicação e prevenção de doenças através de vacinas, mas também de demolição de tais cortiços, onde, teoricamente, haviam micro-organismos causadores das doenças. Segundo Valladares (2005, p. 26), sem o direito de moradia, os moradores dos cortiços – que eram geralmente escravos recém libertos e outras pessoas que não eram consideradas como um padrão da sociedade – foram morar nos morros, construindo casas sem ou com poucas repartições, de chão de terra batido, e localizado às margens do centro, sendo este batizado de Morro da Providência, mas também chamado de Morro da Favella. Esta região era vista, nesta época, como uma espécie de zona rural da capital fluminense, visto de uma forma pejorativa. Oliveira (2012), busca definir a situação histórica dos sujeitos marginalizados:

As epidemias e a densidade habitacional, somadas à falta de saneamento básico, serviram como principal argumento para realizar, nesse período, a limpeza social. Negros, pedintes e desempregados de modo geral foram expulsos dos locais urbanos centrais, restando-lhes as periferias urbanas, morros e várzeas – territórios ainda não especulados pelo mercado imobiliário –, o que tornava claro o caráter segregador da cidade durante a República (OLIVEIRA, 2012, p. 57)

A Guerra de Canudos (retratada em *Os Sertões*) possui sua ligação histórica na formação do Morro da Favella a partir dos combatentes da Guerra, que se instalaram no morro para protestar o não pagamento ao fim da guerra, o que foi previamente prometido pelo Governo. Desse modo, o nome “favela”, o nome de uma planta que existia tanto na região de Canudos quanto nos morros do Rio de Janeiro, não apenas denominava o nome do morro e da planta, mas serviu de conotação para outros morros, ou ainda mais, para outras regiões parecidas espalhadas pelo Brasil (nas grandes cidades), que também se autodenominaram de favela.

Durante os anos seguintes, nos anos 1920, 1930 e 1940, de acordo com Valladares (2005, p. 37), inúmeros projetos de mudança das condições de moradia das favelas foram propostos para impor um “embelezamento” da cidade do Rio de Janeiro, visão esta que tinha a favela como um ambiente feio na cidade, uma vez que a capital fluminense ganhava cada vez mais visitas turísticas pelas suas belezas naturais. Desse modo, as favelas seriam demolidas, ou pelo menos diminuídas. Esta justificativa partia da premissa de que inúmeras cidades do mundo desenvolviam propostas arquitetônicas que visavam a beleza, não apenas construídas pelo homem, mas que também valorizassem as condições naturais do ambiente. Mais uma vez, com o não sucesso de tais projetos na capital, a favela foi ainda mais colocada no processo marginal.

Com o constante crescimento populacional na segunda metade do século XX, foi ainda mais constante a urbanização do país. As ferrovias e rodovias, neste momento, ligavam os polos do Brasil, ocorrendo as migrações em massa das regiões Nordeste e Norte rumo ao Sudeste, mais precisamente para as industrializadas São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Oliveira (2012, p. 57), “contingentes populacionais eram atraídos por melhores condições de vida nos centros urbanos. Porém, com a especulação imobiliária, essa população passou a apropriar-se dos locais periféricos e decadentes das metrópoles, originando os bairros de periferia”. Tais bairros de periferia concentram, até hoje, os mesmos estereótipos carregados através dos processos históricos de formação das periferias, através da segregação e de preconceitos.

Embora hoje sejam um pouco menos negativadas em relação a antes, principalmente devido a projetos dentro da própria comunidade ou vindos de órgãos públicos, como o projeto histórico das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) a favela ainda permanece vista nacionalmente e internacionalmente de forma negativa, principalmente por haver altos índices criminais, principalmente pelo tráfico de drogas e de armas, comandados por facções que dominam os morros, atuando, infelizmente, como

más influências para a população do morro. Esse fator designa e introduz a questão principal do problema: todas as pessoas que moram no morro, por conta de todos os fatores históricos, culturais e ainda atuais em relação ao crime, sofrem o processo de marginalização, de exclusão social e de preconceito.

A sociedade marginal, desse modo, configura sua própria identidade, trazendo também a criação de grupos sociais. Um dos objetos de estudo de Jean Paul Sartre (1905 – 1980), o *grupo social* se forma a partir da reciprocidade, entendimento e identidade entre os sujeitos de uma sociedade, nascendo, de acordo com Betttonni e Andrade (2002, p. 70), “a partir de uma relação espontânea contra a vida serial e se apresenta como uma organização livre de indivíduos”. Este agrupamento, portanto, se efetiva com base em uma estrutura que varia de acordo com a forma da identidade e reciprocidade encontrada entre os sujeitos. Todas as condições pelas quais a sociedade marginal passou torna-se, portanto, identidade para as condições de produção do discurso de tais sociedades.

Cabe salientar ainda que, no desenvolvimento de nossa pesquisa, trataremos da questão linguística e cultural dos sujeitos marginalizados tanto no que diz respeito aos sujeitos moradores de periferias que sofrem preconceito diário, por residirem em favelas e por estarem em minorias sociais, quanto dos sujeitos marginais que realmente cometem crimes. Portanto, analisaremos aspectos culturais e linguísticos tanto dos sujeitos presentes na vida criminal, como as gírias que nascem nos presídios, quanto dos sujeitos que sofrem algum tipo de preconceito e, e que são influenciados, obviamente, por estes preconceitos, como os moradores de periferias.

É importante, de fato, saber que os processos de marginalização incluem todos os fatores citados acima: segregação, preconceito e processos históricos e sociais responsáveis pela transformação de um sujeito marginal e de sua construção da identidade própria, de sua sociedade e seu grupo social.

2.2.2. SUJEITO MARGINAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A grosso modo, identidade é uma marca pessoal, uma forma de reconhecimento do próprio sujeito e do grupo social (ou dos grupos sociais) aos quais estes sujeitos pertencem, assumindo até outros discursos e identidades conforme o andamento de sua vida – as modificações temporais da personalidade do sujeito, já que este é atravessado por discursos diferentes na sua constituição ideológica.

A forma da descoberta de uma identidade pelo ser humano começa pela pergunta “quem sou eu?”, frequente desde o início do Ensino Fundamental I, através de dinâmicas de primeiro dia de aula, e cresce à medida que o sujeito amadurece e envelhece. A identidade, perante a ideia de individualismo, busca sobretudo a singularidade de um sujeito. Porém, através dos estudos discutidos na AD, é conscientemente errado pensar que a identidade é algo “preparado” unicamente para determinada pessoa, fruto da natureza e irreparável desde a sua data de nascimento, sendo esta identidade completamente diferente das outras identidades. Segundo Charaudeau (2015, p. 15), “não há ato que realizemos, nem pensamento que exprimamos que não contenha o traço de nosso pertencimento à coletividade”, ou seja, por mais que busquemos uma forma de identidade própria, singular, única, esta é construída conforme o sistema ideológico da sociedade, ou, mais especificamente, dos grupos sociais.

Vivemos em inúmeros grupos sociais – família, amigos (de sala, de escola, e até de festas), trabalho – e todos estes possuem condutas de comportamento social. Estas condutas incorporam opiniões, ideologias e demais formas de pensamentos que regem o modo com o qual este grupo se comporta, e, conseqüentemente, tais normas acabam por influenciar os sujeitos de um grupo social, gerando as questões de estereótipos. Segundo Charaudeau,

“mesmo que não queiramos nos ver como indivíduos dependentes do grupo, é pelo olhar dos outros que somos marcados, etiquetados, categorizados; nossa vestimenta, nossa maquiagem, nosso penteado, nossa linguagem, nosso andar, [...], tudo isso atesta nosso pertencimento a uma categoria de indivíduos, o que nos permite aos outros classificar-nos nesta ou naquela categoria” (CHARAUDEAU, 2015, p. 15)

Este pensamento gera, portanto, a noção de coletividade, de memória, ou ainda melhor, de interdiscurso, na construção não apenas da fala do sujeito, mas na sua construção de identidade através da identidade de seu grupo.

É essencial, dessa forma, buscar as formas de identidade cultural (doravante IC) pelas quais o sujeito sofre e, ao mesmo tempo, constrói sua identidade. A IC de um determinado grupo é incorporada pelas origens, ou melhor, pelos processos pelos quais os ascendentes do grupo social ao qual pertence o sujeito passaram. Dessa forma, a identidade de grupo é dita por Charaudeau (2015, p. 16) como uma busca “à memória do passado, uma origem para a qual nos voltamos com nostalgia e que desejamos resgatar”. Visto isso, o mesmo autor afirma que há espontaneamente pelos membros de tais grupos sociais um movimento de reaver as memórias históricas e culturais deixadas por tais ascendentes, como uma espécie de “paraíso perdido” que se deseja reconquistar. Estes

movimentos de busca e reconquista retomam à questão da identidade de grupo, não uma identidade que seja comum, mas algo que seja exprimido pela *autenticidade*, ou seja, uma busca pelo seu verdadeiro eu, na forma de sujeito como membro de grupo e na forma de grupo social.

Ademais, as questões identitárias de um grupo social também são voltadas às questões da alteridade. A consciência identitária nasce, portanto, deste processo: o reconhecimento do outro como diferente do eu. Esta retomada de consciência impõe, nesse fator, consequências ditas por Charaudeau (2015, p. 18) como movimentos de atração e rejeição; da atração surgem fatores positivos que resultam na partilha, na aceitação do outro como diferente. Já a rejeição é tomada através da não aceitação da existência de outros jeitos, de outros pensamentos, levando a indagações que tocam nas questões de ego.

Há o desenvolvimento de um problema, entretanto, quando o pensamento acerca deste se generaliza. De acordo com o autor (p. 19), “Ele se torna o que chamamos de estereótipo, clichê, preconceito [...] eles constituem, em primeiro lugar, uma proteção, uma arma de defesa contra a ameaça representada pelo outro na sua diferença e, além disso, eles nos são úteis para estudar os imaginários dos grupos sociais”. Vemos, portanto, que a identidade se constrói a partir desta dinâmica: o eu precisa do outro para se sentir diferente; caso haja uma aproximação, as marcas de identidade começam a se perder; caso haja uma rejeição, as marcas de identidade começam a se atenuar.

A IC é constituída, dessa forma, como uma troca, um processo dinâmico que envolve o eu e o outro através da memória, do passado, e que é resgatado, transformado e recolocado em uso pelos membros de um grupo social, virando marca pessoal e de grupo. Funciona, em alguns aspectos, diferentemente em relação aos gêneros mais comuns: em homens heterossexuais e homossexuais funciona de uma forma, e em mulheres heterossexuais e homossexuais de outra forma, principalmente em relação ao corpo e sua construção como elemento identitário.

Por sua vez, a identidade linguística (doravante IL) é uma espécie de reafirmação da IC. No Brasil, é incontestável a variação linguística e com ela as diferentes formas de identidade nos diferentes grupos sociais existentes no país, fruto das diversas transformações territoriais, culturais e sociais pelo qual o país passou em sua formação. Sotaques e regionalismos são as principais representações desta forma de identidade, que, durante o processo de popularização da mídia eletrônica, nas três décadas finais do século XX, evidenciaram-se ainda mais. Segundo Ditrich e Lopez (2011, p. 3) “a identidade

linguística, com a disseminação de informações através da mídia eletrônica, fez com que se visualize as distinções encontradas entre a fala de habitantes da mesma nação”, visto desta forma, como um ponto de referência dos diversos sotaques encontrados no país, sendo expostos e explorados, por exemplo, nas telenovelas, que viraram paixão nacional à medida da popularização da mídia.

O sujeito marginal, assim como os outros sujeitos de outros grupos sociais, possui uma identidade interdiscursiva que também é fruto dos processos históricos explanados anteriormente. Tanto a IL quanto a IC do sujeito marginal são incorporadas por inúmeros fatores constitutivos. André & Goes (2004), inferem a forma de identidade do sujeito marginal contendo sobretudo, estereótipos causados pela formação da identidade coletiva:

A identidade marginal, em todas suas personificações, vai contar com os seguintes elementos constitutivos: a questão étnica, territorial, a re-significação e o re-ordenamento de valores, solidariedade e rivalidades internas, a oposição ao Estado, particularmente à polícia e ao sistema penitenciário, e aos grupos entendidos como integrados à sociedade; não obstante, há a percepção de uma violência do poder que ao ser instituída tende a se naturalizar, bem como a colocação da figura materna no centro da construção familiar, embora seja esta uma identidade sexista; por fim, ocorre a construção de uma religiosidade compatível com as definições que esta identidade tem construído, isto é, há um processo de marginalização dos ícones religiosos, a imagem e semelhança dos marginais que a constroem. (ANDRÉ & GÓES, 2004, p. 94).

Os elementos constitutivos ditos por André & Goes admitem inúmeras configurações que remetem ao perfil marginal: localização periférica (no âmbito territorial), condição étnica, oposição ou semi-oposição a sistemas de repressão, figura materna no centro, apresentando a mãe (ou avó, tia ou madrasta que representem o papel materno) como uma espécie de porto seguro para identidade marginal e também das figuras religiosas, mais precisamente da religião cristã, em que são comuns as tatuagens, uso de cordões e de vestimentas que também constroem a IC do sujeito marginal.

Na questões de IL, além dos sotaques e regionalismos que são comuns a depender da localização territorial dos grupos aos quais pertencem os sujeitos marginais, é também formação da IL o fenômeno linguístico gíria, que surge como componente do signo de grupo social, principalmente nas configurações de grupo marginal.

2.3. A GÍRIA

A gíria é um fenômeno linguístico curioso, que serve como identificação dos sujeitos em seus grupos – sendo estes diversos grupos sociais, não apenas o perfil marginal - mas que, com o passar dos anos, também pode se tornar um termo geral, deixando de ser particular de determinado grupo para se tornar uma gíria comum, ganhando até dicionarização e reconhecimento da sociedade em geral.

Neste tópico, discutiremos sobre os termos gírios, iniciando pelo seu surgimento, o seu uso na sociedade em geral e nos grupos sociais, a sua importância como signo de grupo e elemento de identidade e, finalmente, como ela é utilizada como estratégia de interação pelos sujeitos marginalizados.

2.3.1. GÍRIA: FORMAÇÃO, DEFINIÇÃO E USOS

A sociedade incorpora ao léxico inúmeros novos termos, tanto no sentido quanto na formação morfológica. Estes termos são originários, primordialmente, pelo uso. O uso, nada mais que a prática da linguagem pelos sujeitos falantes, é colocado em vigor pela sociedade, tornando-se, logo depois, norma linguística, criando as diferentes nivelagens de linguagem, bastante estudadas nas pesquisas de linguagem e análise linguística.

Seguindo as teorias de Preti (1983, p. 1), esta norma acaba criando um condicionamento aos falantes de determinada língua, na comunidade em que vivem. Esta norma, falada como a regra de uma sociedade, acaba destituindo a diversidade linguística, não aceitando novos termos que surgem de um determinado grupo social, ocasionando, desse modo, uma unificação linguística, levada não apenas pelas sociedades de maior prestígio, tanto no plano sócio-cultural quanto no plano geográfico, mas também pela grande imprensa – uma vez que esta apela pela neutralização de sotaques, regionalismos e a não aceitação de termos que sejam aceitos pela sociedade em geral. Em alguns casos, como em novelas de época e em novelas com relacionamentos entre personagens urbanos e rurais, a questão linguística é extraída através dos sotaques, em que esta forma é buscada muitas vezes de forma caricata.

Seguindo a natureza humana, o sujeito falante tende a não aceitar este condicionamento, criando, assim, um repúdio. Dessa forma, alguns grupos, principalmente os menos prestigiados no plano sócio-cultural e diatópico, acabam se isolando da grande sociedade, acarretando numa construção linguística que é associada à construção cultural. Este isolamento serve, segundo Preti (1983, p. 2) “não apenas para atender ao desejo de originalidade, mas também servir a finalidades diversas, como, por

exemplo, ao desejo de se fazer entender apenas por indivíduos do grupo, sem ser entendido pelos demais da comunidade”, agindo como forma de IL. Ainda segundo Preti (1983, p. 2), “a partir do momento em que esta linguagem especial serve ao grupo como elemento de auto-afirmação, de verdadeira realização pessoal, de marca original, ela se transforma em signo de grupo”. Exemplificando, esta linguagem especial serviu e serve até os dias atuais para inúmeros grupos com identidades culturais marcadas, como os hippies da década de 1960, os *punk*, os trabalhadores ambulantes, entre outros grupos sociais.

Esta não aceitação e oposição ao uso da norma linguística gera, portanto, segundo Preti (1983, p. 3), duas reações: a primeira, de crítica, pelo fato do não obediência à norma; a segunda, de curiosidade, pelo fato de ser algo novo, propício para admiração. A partir desta dinâmica social entre uso, identidade, isolamento linguístico e comunicação, surge a *gíria*.

A *gíria* atua, como dito antes, como um signo de grupo, e tal signo possui uma filiação ideológica. Ao citarmos a ideologia de determinado produto ou de determinado grupo, deve-se saber que ele possui um significado. De acordo com Bakhtin (2006, p. 29), “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. Em outras palavras, tudo que é ideológico possui um signo. *Sem signos não existe ideologia*” (grifo do autor). Desse modo, entende-se que um produto, carregado e revestido de ideologia, é um signo, como uma forma real, uma encarnação de tal ideologia. A *gíria* é, portanto, um signo, formado por e para um grupo, que surge de forma real através de seu uso, e possui sua ideologia marcada pelo grupo que a cria, ou seja, quando uma *gíria* é criada, aí também está uma ideologia, pois a *gíria* é o próprio signo do grupo, a própria encarnação da ideologia neste grupo. Deve-se salientar que a ideologia é “encarnada” não apenas em palavras, mas também em instrumentos, produtos de consumo, objetos de uma forma geral, mas que possuam algum tipo de concretização, uma representação exterior à ideologia, à consciência. No caso da *gíria*, esta concretização existe na palavra, que por sua vez é a materialidade linguística.

Observando as definições de *gíria*, Trask (2004, p. 124) define este fenômeno linguístico como “uma forma linguística informal e frequentemente efêmera”. Informal, obviamente, pela questão do não uso da norma padrão, da norma linguística que rege as questões de fala em determinada língua; efêmera, por ser passageira, tanto pela propriedade identitária do grupo ao qual pertence quanto pelas questões de “envelhecimento” da *gíria*, fatores que discutiremos mais à frente. Já para Preti (1983, p

3), gíria é “um vocábulo especial que surge restritamente em grupos sociais fechados como elemento de união entre os membros de tais grupos”. Desse modo, há uma compreensão acerca das questões de união entre os membros de grupos sociais, sendo eles de qualquer esfera social, cultural e econômica – a gíria, dessa forma, além de fazer parte da identidade, surge como elemento de empatia entre os membros, fazendo parte da interação essencial dos sujeitos do grupo.

É certo, dessa forma, dizer que a gíria tem seu surgimento através do resgate de ferramentas do léxico de uma língua, e que, em seu poder de definição, possui a formação e memória baseada em fatores discursivos que envolvem a identidade de seu grupo, sendo reformuladas, transformadas e criadas novas palavras, termos e expressões que se tornem conceito-chave ou signo de um determinado grupo social.

Tais termos e palavras “novas” ou com sentidos novos apresentam, segundo Cabello (1991, p. 53), surgimento através de linguagem conotativa, sufixação, supressão fônica, encurtamento vocabular, codificação, acrossemias, adaptação de empréstimos, entre outros processos de formação léxica e semântica. Alguns termos, que já ultrapassaram a fronteira do signo de grupo, passando a ser falada em praticamente toda a sociedade, são criados, já outros, transformados, mudados de sentido à necessidade de determinado signo de grupo. A gíria brasileira possui, segundo a mesma autora, (1991, p. 51) preferência por conceitos eixo, que tocam em questões de prostituição, política, jogo, dinheiro, e que se situam em praticamente todos os grupos sociais, sobretudo os marginais.

A gíria brasileira é, desse modo, caracterizada também pela questão de agressividade, conflito, mas que geralmente segue um padrão humorístico, ao, geralmente, buscar alguma vítima e chiste, segundo Preti (1983, p. 4). A palavra *careta*, por exemplo, que, no sentido da gíria, define pessoas retrógradas, antiquadas, praticamente substituiu a palavra *quadrada*, que possuía o mesmo sentido. Além disso, a palavra *careta* tem sido utilizada também para nomear o grupo social de pessoas que possuem uma ideologia política voltada à direita, por designar os ideais que tal ideologia segue. Seguindo o padrão atual de “nomeação” no âmbito político, é comum, principalmente desde a eleição de 2014, chamarem os grupos que são a favor e contra o impeachment de Dilma Rousseff de *coxinhas* e *petralhas*. De acordo com os sentidos léxicos de ambos, a palavra *coxinha*, no sentido da gíria, tem origem controversa, mas se destina ao mesmo sentido de *quadrado* e *careta*, porém, mais conservador, que geralmente utilizam roupas de marca ou importadas, e que são geralmente associados

apenas às pessoas de classe alta, brancas². É uma alcunha por satirizar as pessoas que vivem em “bolhas” sociais, não conhecendo outras camadas e geralmente menosprezando as questões sociais. Uma outra teoria acerca da origem do termo coxinha se associa à parte do corpo humano, a coxa, em que os homens ricos mostram, em bermudas curtas, suas coxas, daí o apelido coxinha.

Por sua vez, a palavra *petralha* é uma gíria que surgiu no grupo dos “coxinhas”, apresentando uma palavra-valise de duas palavras: Petista e Irmãos Metralha. Petista devido ao fato de entenderem que as pessoas a favor de uma ideologia diferente da ideologia da direita são admiradores, eleitores ou membros do PT (Partido dos Trabalhadores); Irmãos Metralha ao famoso gibi (e logo depois desenho animado) “Duck Tales”, da fictícia cidade de Patolândia, onde mora o Tio Patinhas, o mais rico do mundo, em que os Irmãos Metralha formam uma quadrilha que tenta a todo custo roubar a fortuna do Tio Patinhas. São, dessa forma, ladrões, forma pejorativa que nomeou as pessoas pró-Dilma Rousseff nas inúmeras manifestações ocorridas entre 2015 e 2016.

Vale ressaltar ainda que tanto o grupo social de “coxinhas” quanto “petralhas” adotaram, como um codinome, os tais termos³. Um outro termo direcionado aos “petralhas” é *mortadela*, devido ao boato espalhado de, nas manifestações pró-Dilma nos mesmos anos, haver a distribuição de pão com mortadela dentro das centrais e durante o percurso das manifestações. Ressalta-se, portanto, que tanto *coxinha* quanto *petralha* imbuem a questão de agressividade da gíria, de conflito, porém não deixam de ser signo de grupo.

As palavras acima citadas e explicadas possuem uma forma conotativa e de mudança de sentido, sendo elas *coxinha*, *mortadela*, *petralha*, *quadrado*, *careta*. Percebemos, através destas, que a questão da sátira, da agressividade e da formação cultural são eixos que englobam a gíria, ajudando na questão da formação do grupo social e principalmente na sua identidade. Através destes eixos, também descobrimos um outro fator importante: a oralidade. Segundo Cabello (1991, p. 21), “a gíria é genuinamente marcada pela oralidade, apresentando certos acidentes gráficos”. Tais acidentes gráficos são geralmente voltados não somente às questões de redução ou supressão de fonemas, mas também (e principalmente) pela sua entonação no uso da gíria. Ao se falar uma gíria,

² ARAGÃO, Alexandre. **Tipicamente paulistana, gíria “coxinha” tem origem controversa.** <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2012/04/1078798-tipicamente-paulistana-giria-coxinha-tem-origem-controversa.shtml>. 22 de Abril de 2012.

³ BARBARA, Vanessa. **Coxinhas vs. Petralhas.** <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/coxinhas-vs-petralhas.1778035>. 12 de Outubro de 2015.

busca-se expressar aquilo que ela impõe, o seu sentido, significado, as suas origens e questões identitárias. Consequentemente, ao se falar uma gíria, é normal que haja uma entonação diferente, que ressalte a questão da importância da gíria na fala, além de salientar a memória, identidade e demais conceitos discursivos que a gíria carrega em seu significado/sentido.

É ainda importante salientar a questão da IL e também cultural que as palavras carregam. Não apenas nas gírias, mas em palavras que possuem certo “peso” cultural negativo propõe à palavra uma mudança de sentido, também comum à gíria. De acordo com Monteiro (1986),

“Se refletirmos bem, percebemos que todos nós somos subjugados, condicionados, massacrados e oprimidos pela manipulação da força das palavras num mundo inseguro, cujo destino está menos nas mãos do que na língua dos agentes do poder. Somos escravos das palavras que deles emanam e, sem o sabermos, vivemos e morremos por elas” (MONTEIRO, 1986, p. 20).

Ou seja, as palavras incorporam um certo poderio de dominação sobre os seus sujeitos, em que estes são previamente “dominados” pelas ideologias dominantes. Os sujeitos buscam, através do poder das palavras, mudar os sentidos e significados destas em diversas situações, ou ainda perpetuá-las, caso o sentido seja positivo. Exemplificando, temos o nome de pessoas famosas que tiveram um legado positivo no mundo: é comum encontrarmos pessoas no Brasil com os nomes John Lennon (19.753 pessoas), Madonna e Madona (158 pessoas), Elvis (Elvis Presley) (25.117 pessoas), Grace (Grace Kelly) (5.605 pessoas), entre inúmeras outros nomes⁴ de personalidades mundiais que viraram nomes comuns no país. Isto reflete a condição de poder da palavra, neste caso, de nomes de pessoas, mas inúmeros outros exemplos podem ser descritos: papas que trocaram de nomes (o de papa, e não o registrado), atores e atrizes que tiraram ou acrescentaram sobrenomes por apresentarem alguma forma de negatividade e até lugares que mudaram de nome (como o Cabo das Tormentas, que passou a ser chamado de Cabo da Boa Esperança).

Todos os termos gírios, obviamente, também são palavras que apresentam uma carga semântica que englobam questões positivas e negativas, além de também serem confundidos com a linguagem obscena e com outros fenômenos linguísticos presentes na língua.

⁴ Dados advindos do site intitulado **Nomes no Brasil**, no link <http://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, provenientes do censo nacional de 2010.

2.3.1.1. GÍRIA, REGIONALISMO E LINGUAGEM OBSCENA

Uma outra concepção acerca da questão da tonicidade diz respeito às questões diatópicas da língua, ou seja, a questão territorial, que toca no eixo de sotaques, mas que é geralmente difundida através dos regionalismos. Por muitas vezes, o regionalismo é confundido com a gíria, devido ao valor de uso parecido. De acordo com Valadares (2011, p. 30-31), a gíria existe como um código secreto de grupos, enquanto os regionalismos são necessariamente demarcados geograficamente. Por mais que um regionalismo se assimile a uma gíria, esta será sempre diferente, pois será utilizada apenas por um grupo social que independe de região/localização geográfica. O mesmo acontece com outros fenômenos linguísticos, como o jargão, que é apenas falado entre profissionais de uma mesma função. Ainda segundo Valadares (2011, p. 31), “os sentidos de ambos e os seus respectivos significados e objetivos são diferentes”, recolocando a questão da gíria como algo único. Contudo, vale ressaltar que, segundo o mesmo autor, evidentemente um regionalismo pode ser gíria, mas, em sua maioria absoluta, sempre serão diferentes e terão objetivos diferentes.

A gíria também é fortemente associada, devido a muitas vezes o seu sentido e direcionamento de uso, à linguagem obscena, perpassando pelo erotismo e também pelo palavrão. Porém, possui objetivos e, muitas vezes, sentidos diferentes. Também como um processo natural atraído pelo preconceito (de uma forma geral), o coloquialismo é previamente associado às classes mais baixas, onde, segundo a “mitologia” popular, a prostituição e atos obscenos eram praticados com mais intensidade ou com mais frequência, principalmente nas periferias. De acordo com Preti (1983, p. 28), “No Brasil, as próprias raízes rurais da nossa cultura, conservadoras, em particular no campo ético, sempre conduziram a uma acentuada preocupação purista na língua, a preconceitos arraigados contra neologismos, formas populares e termos obscenos”. Porém, com as neutralizações da língua também trazidas pela imprensa, além de outros processos, como a diminuição da desigualdade social, trouxeram uma diminuição do preconceito com a linguagem obscena, sendo utilizada até em propagandas, músicas de artistas consagrados e programas de televisão. Segundo Preti (1983, p. 29),

No contexto urbano brasileiro, o uso cada vez mais intenso da linguagem obscena, em registros coloquial e comum, estaria possivelmente ligado a duas causas: primeiro, os conflitos sociais, a violência, a insatisfação crescente, motivada pela crise econômica; segundo, a revolução sexual, talvez como fórmula paliativa para estes mesmos conflitos o afrouxamento dos tabus morais, conseqüente de

uma ausência cada vez maior da educação religiosa. (PRETI, 1983, p. 29)

Tais processos, principalmente a “revolução sexual”, com fatos que, a partir dos anos 1970, causavam polêmica na sociedade, como títulos de filmes estrangeiros que, de início eram traduzidos e colocados como trocadilhos, e no cinema nacional, a popularização das pornochanchadas, traziam uma naturalização da linguagem erótica para a sociedade em geral. Hoje, com a popularização do gênero musical funk, por exemplo, a linguagem trazida pelas periferias apresentam uma naturalização e expansão da linguagem erótica, mas sem ficar apenas nos populares “bailes funk” da favela, mas conquistando a indústria fonográfica e sendo executada nas rádios brasileiras, também conquistando o gosto musical de membros de todas as classes sociais.

Porém, apesar da atual perda de preconceito com a linguagem erótica, a gíria ainda é associada negativamente à linguagem “baixa”. Segundo Preti (1984, p. 69),

o problema do prestígio linguístico relacionado com a gíria ainda pode ser observado, na linguagem contemporânea, estudando-se a crescente desmistificação do termo gírio, perdidas ou diminuídas suas conotações de “linguagem baixa”, “má linguagem”, linguagem de malandro, etc., marca advinda, provavelmente, de sua ligação com a vida desonesta ou marginal. (PRETI, p. 69, 1984)

Desse modo, é comum a erotização e processos de obscenidades de termos coloquiais, associando geralmente a órgãos sexuais masculinos e femininos, atos sexuais ou processos naturais biológicos, como a menstruação, que são descritos através de palavras que são associadas à linguagem erótica, mas que, nem sempre, são gíria, apesar da semelhança. Temos, a partir daí, uma diferenciação entre gíria e linguagem obscena: segundo Cabello (1991, p. 52), a gíria diferencia-se da obscenidade através de um fator: o signo de grupo. Enquanto a gíria sempre associa-se a um grupo, a linguagem obscena é tomada por praticamente todos. No entanto, segundo a autora, a linguagem obscena aproxima-se do palavrão.

2.3.1.2. ESTÁGIOS DA GÍRIA: DO SURGIMENTO À DICIONARIZAÇÃO

Atualmente, com o grande apreço por uma linguagem mais fácil – incorporada às questões coloquiais e informais – os termos gírios ganham espaço por representar grupos sociais, que se renovam a medida que há uma nova definição, uma nova forma de identidade, uma nova forma de signo, apesar de que, como já dito anteriormente, não há a perpetuação de duas identidades, e sim de uma fusão de duas para uma reconstrução da nova identidade ou signo de um grupo. Como a língua e linguagem nunca deixam de ser renovadas, os termos gírios nunca deixarão de ser gíria. Segundo Cabello (1991, p. 53),

a gíria não deixa de ser gíria, pois os grupos sociais fazem com que haja uma constante renovação do léxico-semântico da língua, deixando a gíria passar por estágios que são definidos conforme o uso.

A gíria surge, como vimos, através de uma dinâmica social, que envolve dois processos essenciais: o de repressão da sociedade, a crítica, sendo devolvido na forma de agressividade e conflito, e o de curiosidade, que se manifesta pela representatividade de grupos e sua identidade. Porém, o surgimento da gíria, seguindo os preceitos da língua, também incita a um “envelhecimento” da gíria, passando por processos naturais, que ajudam também à diminuição do preconceito com os termos gírios. Segundo Preti (2006, p. 248), “sua crescente aceitação dentro da cultura de massa e seu ingresso na norma linguística da mídia, no caso de vocabulários que já perderam sua significação secreta de grupo, misturando-se à linguagem comum, favoreceu decisivamente a atenuação do preconceito”, apresentando um redimensionamento do conceito e aceitação da gíria na sociedade. Tal aceitação citada por Preti passa por percursos que incorporam estágios da gíria.

Desde o surgimento até a aceitação e uso da sociedade em geral, a gíria passa por “estágios”, períodos não determinados que dependem do uso do grupo, das formas de identificação e de prevalência como signo de grupo. Estes estágios vão desde o surgimento da gíria até o uso pela sociedade em geral, caindo depois para o arcaísmo. Cabello (1991, p. 52) coloca estes estágios como naturais, sendo eles:

- O surgimento e a circulação em um grupo marginal;
- O funcionamento como elemento de identificação do grupo;
- A intermediação, quando ela chega em outros grupos, mais ainda não perde sua essência como signo do grupo ao qual surgiu;
- A inserção da gíria na sociedade em geral, passando a ser gíria comum e sofrendo processos de dicionarização;
- O arcaísmo e o desuso da gíria.

Vale ressaltar ainda que, segundo a autora, a gíria nem sempre passa por esta sequência nem pode passar por todos os estágios.

O termo *gíria comum* remete à dominação da gíria como uso da sociedade. Dessa forma, a gíria deixa de circular apenas nos grupos, perdendo parte do preconceito construído, uma vez que sua identidade ainda é presa no signo de grupo marginal. Quando isto acontece, a gíria passa a ser considerada parte da linguagem popular, tornando as

gírias elementos aceitáveis em situações informais, ou até em contextos artísticos, como músicas, novelas e programas de televisão (sobretudo os de auditório, pelo apelo popular). Segundo Valadares (2011, p. 31) “a mídia, em especial a televisão, por meio das novelas, dissemina muitas gírias, tornando-as não mais veladas, específicas daquele grupo social determinado a que aqueles personagens pertencem”. Consequentemente, a gíria é fortemente colocada em volga na sociedade, na fala popular. Há, desse modo, uma outra consequência, a dicionarização da gíria, que torna a gíria uma palavra “reconhecida” na língua portuguesa.

Algumas gírias advindas do mundo marginal ou das prisões possuem hoje uma grande participação na fala da sociedade em geral, logicamente, na forma de gíria comum. Gírias como *apagar*, *araque*, *barra pesada*, *barra limpa*, *boca* (*boca de fumo*, *boca de siri*), *patota*, *quenga*, *rango*, *tira*, entre inúmeras outras gírias já se encontram dicionarizados por já se encontrarem sendo falados na sociedade em geral. Tanto no Dicionário da Academia Brasileira de Letras quanto no Dicionário Caldas Aulete (escolhidos nesta pesquisa por apresentarem prestígio perante a sociedade e também por estarem dentro de programas de educação escolhidos pelo MEC, através do PNLD), as gírias acima possuem os seus significados originais e gírios; quando são criados, apenas apresentam seus significados como gíria. A palavra *boca*, que apresenta seu significado original como “cavidade do rosto, nos homens, e na cabeça, nos animais, pela qual são introduzidos os alimentos” (Aulete, 2011, p. 118), também apresenta como significado gírio uma redução da gíria *boca de fumo*, sendo descrita como um “ponto de venda de maconha e outras drogas” (Aulete, 2011, p. 118). Por sua vez, a gíria *tira*, que possui direcionamento aos agentes de polícia, apresenta uma relação com a ação verbal: tirar (ou também atirar). Esta gíria surgiu nos anos 1950, advinda da ação de que os policiais tiravam os marginais da rua para as cadeias, ou ainda podendo ser relacionada ao ato de atirar. De uma forma ou de outra, a gíria *tira* tornou-se comum, sendo substituída dentro do contexto marginal e das prisões por *cara*, ou ainda que não seja uma gíria, porém utilizada com frequência, *seu polícia*, ou na forma com marcas da oralidade, *seu puliça*. Seguindo a forma dicionarizada, *tira* é colocado apenas como um “Agente Policial” (Bechara, p. 1236, 2011).

O contexto marginal, tanto nas periferias quanto nas prisões, é, dessa forma, uma rica fonte de produção de gírias, devido à dinâmica social de formação da gíria, à condição de produção, e, obviamente, como símbolo do grupo, agindo como signo e como elemento de identificação. Dessa forma, a gíria acaba agindo como uma forma estratégica de

interação entre os falantes, principalmente quando a gíria ainda não chega ao estágio de gíria comum.

2.3.2. GÍRIA E INTERAÇÃO

É bastante importante a forma de uso da gíria para os grupos marginais, resultando num sistema de signos voltados apenas ao grupo ao qual pertence a gíria, logicamente, em seu início de “vida”, em que o uso circula apenas em um determinado grupo social.

Tais termos gírios são também fontes de pesquisa para os estudiosos em diversas outras áreas, como na área das ciências sociais, e também em outras áreas da própria linguística, como a sociolinguística e a sociologia da linguagem. Antes de tudo, a sociologia da linguagem é diferente da sociolinguística pelo seu objeto de estudo: segundo Bagno (2013, p. 27), enquanto a sociolinguística estuda propriamente os termos, sintagmas, mudanças de uma forma geral, de cunho morfológico, sintático e semântico da língua por determinado grupo social, a sociologia da linguagem estuda os grupos sociais que falam e dirigem tais mudanças. Na formação de pesquisa da gíria no contexto marginal, os estudiosos mantêm uma ligação com o meio da marginalidade: há pesquisas em lugares fechados, como em penitenciárias e casas de correção ou também por convivência, como o caso de policiais que, através da vivência nas penitenciárias, descobrem o significado de gírias que são falados apenas por presos ou por facções dentro da própria penitenciária⁵. Além desta forma, as pesquisas também podem ser feitas se o pesquisador possui algum vínculo social com os grupos marginais, principalmente se também fizer uso da linguagem de grupos marginais, como de ladrões, prostitutas, travestis, entre outros. Segundo Preti (1983, p. 23), “a gíria, nestes casos, adquire condições de signo de grupo, identificador, e elemento de defesa e proteção. Sabe-se, por exemplo, que em certas prisões os líderes iniciam os detentos no vocabulário secreto, com a finalidade de preservar as atividades do grupo”, ou seja, a gíria surge como uma estratégia de interação nestes grupos marginais, agindo como uma espécie de elemento em comum na linguagem dos falantes.

Dessa forma, a atitude linguística do sujeito falante dos termos gírios levam à construção de novas gírias, associando a questão da necessidade à condição de produção. Em diversos ambientes, plataformas e condições para o surgimento de gírias, tais termos

⁵ MORAES, Bia. **Oficial da PM escreve dicionário só de gírias do meio policial.** <http://www.tribunapr.com.br/painel-do-crime/oficial-da-pm-escreve-dicionario-so-de-girias-do-meio-policial/> 5 de Julho de 2003

são criados a partir de processos de formação, que dependem também de uma IC, e com isto, de uma memória, fazendo com que parte dos termos gírios nasçam a partir de pedaços de memória em discursos, principalmente proveniente do grupo social ao qual surge, ou seja, no caso do grupo social marginal, é comum as gírias com tal condição de resgate histórico e cultural através da memória discursiva nascerem dos lugares de memória, de fatos históricos, da condição de memória individual e também coletiva dos sujeitos aos quais pertencem ao grupo social. A gíria é, portanto, carregada de memória e utilizada como elemento linguístico estratégico para a interação entre os membros de um grupo social. Ainda mais claramente, os membros de determinado grupo social criam as gírias afim de trazerem identidade própria ao grupo, o que resulta numa comunicação apenas entre os membros deste grupo, agindo como uma estratégia de interação. Logo depois, quando a gíria passa a circular em outros grupos e também na sociedade em geral, é incitada uma nova busca de sentidos a outros termos, funcionando como uma dinâmica linguística que acarreta no funcionamento da linguagem.

Atualmente, com a grande disseminação da gíria na sociedade, a internet, mais precisamente nas inúmeras redes sociais, acaba sendo uma plataforma para a “propaganda” de diversas gírias, condizendo com perfis públicos que acabam divulgando gírias de grupo tanto na forma da circulação única, quanto de circulação entre grupos, e ainda de gírias comuns.

2.4.AS REDES SOCIAIS DA INTERNET (RSI) E IDENTIDADE

As RSI buscam, sobretudo, uma comunicação entre os membros que possuem contas e perfis, objetivando uma disseminação de ideias, opiniões, comentários, fotografias, jogos, entre inúmeros outros mecanismos de divulgação de eventos e de ideais. Deve-se observar que, por trás de todos estes mecanismos, a identidade e o discurso são implicitamente explorados, através das milhões de publicações das bilhões de pessoas e perfis públicos que estão presentes nas RSI.

2.4.1. UMA BREVE HISTÓRIA DAS REDES SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA PARA AS RELAÇÕES HUMANAS

As redes sociais são, incontestavelmente, uma das mais eficazes plataformas de comunicação e interação na sociedade atual, inseridas em redes virtuais na Rede Mundial

de Computadores, a Internet. De acordo com dados de Janeiro de 2016, da União Internacional das Telecomunicações, mais de 1 bilhão de pessoas em todo o mundo utilizam as redes sociais diariamente, semanalmente ou mensalmente, sendo divididas em várias redes, possuindo como objetivo a comunicação e interação humana, proporcionando o bem estar e a manutenção das relações interpessoais.

Entre inúmeras redes sociais existentes atualmente, como o Twitter (rede social onde se pode inserir mensagens instantâneas com até 140 caracteres), Instagram (rede social onde publica-se, entre os seguidores, apenas fotos e vídeos), LinkedIn (rede social criada em 2004 que funciona como um currículo pessoal *on line*) e Whatsapp (rede social que funciona a partir da troca de mensagens instantâneas, particularmente ou em grupos), o Facebook é a rede social da internet de maior expressão no mundo. Criada em 2004 por um grupo de universitários de Harvard,

“visava criar um espaço no qual as pessoas se encontrassem, compartilhassem opiniões e fotografias visando, no início, criar uma rede de comunicação apenas para os estudantes da própria universidade. Contudo, em poucos meses a rede expandiu-se entre as universidades americanas, conectando jovens de mais de 800 instituições” (AMANTE, 2014, p. 29).

Com o passar dos anos, o Facebook foi aberto a quem quisesse se registrar, criando perfis particulares. Desde 2007, quando foi aberto ao público de uma forma geral, o Facebook possui parcerias com inúmeras empresas de jogos, aplicativos, e mantém perfis de empresas que se cadastram para divulgação de produtos e negócios. Há, no facebook, duas modalidades de perfis: os perfis pessoais, os *profiles*, em língua inglesa, (atribuídos a perfis particulares) e os perfis de empresas, causas, artistas, negócios e entretenimento em geral, chamados de *páginas*, ou *pages*, em inglês.

As páginas são perfis públicos, mas não necessariamente destinadas ao grande público, devido ao tema ou teor trazido pela página. Há, para a efetivação desta, um ou vários temas escolhidos, desde que faça parte de apenas um tópico de discussão (cultura pop, jogos, cinema, literatura, entre outros) constituindo os assuntos de acordo com o tema adotado por tal página. Atualmente, o facebook possui mais de 1 bilhão de pessoas cadastradas⁶ na rede em quase todos os países do mundo, além de milhares de páginas (a mais popular possui 506 milhões de pessoas interessadas, sendo esta a do próprio aplicativo do facebook para celulares.

⁶ Facebook atinge marca de 1 bilhão de usuários todos os dias.

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html> 28 de Abril de 2016.

No Facebook, há também as dimensões de relações pessoais, colocadas através das ações *curtir*, *comentar* e *compartilhar*. Tais ações são voltadas às questões pessoais em publicações entre “amigos” do perfil cadastrado e das páginas. A ferramenta *curtir* também é subdividida em 6 reações, em que o usuário, ao analisar a publicação feita pelo amigo no mundo virtual ou ainda das página (que também depende do conteúdo trazido pela publicação) julga a reação necessária. As reações correspondem aos substantivos abstratos de raiva, espanto/surpresa, tristeza, alegria, amor e ao próprio *curtir*.

As pessoas cadastram-se no Facebook geralmente a partir de motivos que incluem os relacionamentos interpessoais. De acordo com Amante (p. 31, 2014), “destaca-se como principal manter as relações já existentes, ou seja, manter o contato com os amigos, sendo também usado para solidificar relações que de outro modo se perderiam”. Desse modo, pode-se dizer que as redes sociais agem na interação humana e na construção do eu, estando diretamente ligado também à criação da identidade. Ainda de acordo com Amante (p. 31, 2014), há também outros motivos pelos quais as pessoas utilizam as redes sociais, sobretudo o de conhecer novas pessoas, ocupar o tempo, tornar-se mais popular, entre outros, mas com menos frequência em relação ao motivo citado anteriormente.

2.4.2. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NAS RSI

As RSI incorporam inúmeras fontes e tipos de publicações, que englobam postagens de fotos e vídeos, textos, entre outras manifestações de publicação. Como dito anteriormente, o facebook, a maior rede social, incorpora um espaço alternativo em que as pessoas assumem um modo de vida, muitas vezes diferente do que se realmente é, ou seja, no mundo off-line, transformando-se num perfil idealizado de um eu. Dessa forma, as pessoas buscam a construção da identidade perante o mundo virtual, que tanto reflete quanto omite o perfil real de um indivíduo.

De acordo com Altheide (apud. Amante, 2014, p. 35), identidade pode ser entendido como o processo através dos qual o indivíduo partilha o seu eu com os outros. Dessa forma, o facebook torna plena e passível de construção de identidades reais e muitas vezes idealizadas pelos próprios usuários, estando relacionada à linha narrativa-temporal de suas publicações no facebook. É comum, por exemplo, muitas pessoas curtirem páginas de perfis musicais de cantores considerados eruditos para que isso se reflita em sua identidade online. Segundo Amante (2014, p. 35), “quando um jovem faz comentários positivos sobre os seus amigos, está a favorecer a possibilidade de também os seus amigos fazerem comentários positivos de si próprio”.

A partir da construção de tal identidade, sendo ela verídica ou apenas idealizada, é passível de análise a formação do sujeito discursivo, que assume o perfil de discurso sob o qual este insere e publica nas redes sociais, e também a memória, sob a qual os enunciados produzidos por tais sujeitos no facebook resgatam na sociedade.

Através dos perfis, a questão identitária tanto de perfis de pessoas é colocada à mostra, devido ao fato de que a pessoa, através de comentários, publicações, compartilhamentos e preferências nas curtidas, apresenta sua ideologia. O discurso advindo de tais ações favorecem também a formação de grupos sociais dentro da rede social – as páginas públicas montam grupos com perfis que possuem ao menos uma preferência em comum, estabelecendo relações de identidade com as pessoas. Contudo, os grupos sociais montados não necessariamente correspondem aos grupos sociais contidos no mundo real, mas não desvalidando os grupos do mundo virtual.

A IL dos perfis, mas principalmente das páginas, carregam, sobretudo, questões que trazem consigo o discurso sociolinguístico da mudança linguística.

3. QUESTÕES ANALÍTICAS

3.1. PERFIS ANALISADOS

Para a análise de gírias e por conseguinte o seu foco discursivo contido na memória e seu uso como estratégia de interação, procuramos páginas da rede social facebook que contivessem gírias que funcionassem como signo de grupo e de identidade social, e que carregassem consigo, obviamente, as questões discursivas (de ideologia e de interdiscurso) aplicadas a este fenômeno linguístico publicadas em tais perfis. Chegamos então em duas páginas da rede social facebook: “Brega Bregoso” e “Eu me chamo ~KééHTLyN~”, às quais iremos analisar, neste primeiro tópico, apenas os aspectos discursivos que dizem respeito às imagens de perfil e de capa publicadas por tais páginas, sobretudo buscando signos de IC, aspectos voltados à vivência e convivência na periferia, e que, sobretudo, reflitam na criação e interdiscurso das gírias.

Vale salientar que as redes sociais agem na construção da interação, na divulgação e publicação de infinitos discursos, ideologias, significados, e entre eles, as gírias, portanto, agindo como uma outra plataforma social de comunicação, desta vez na internet.

3.1.1. “Brega Bregoso”

A página “Brega Bregoso” no facebook⁷ possui 678 mil curtidas, publica textos, imagens e vídeos diariamente e possui outros perfis em outras redes sociais, mantendo o mesmo nome e o mesmo tema de publicação. De acordo com o índice de avaliação que o facebook proporciona às pessoas que curtem os conteúdos publicados pela página (em que elas votam e também opinam), o perfil possui uma avaliação de 4,9, numa escala que vai de 0 a 5,0. A página possui como slogan “*Não deche o brega morrer!*” fazendo uma espécie de ressalva ao ritmo musical que tematiza a página, o brega, e seus ritmos subsequentes, como o brega-funk e o forró-brega. O perfil foi criado em 30 de Julho de 2012⁸.

A página narra o cotidiano de um indivíduo fictício, de nome “Bregoso” (ou Bregosin, utilizado como apelido), com seus amigos e sua namorada, que frequentam diversos locais da Grande Recife, Pernambuco, (sendo a maioria concentrados nas regiões

⁷ Brega Bregoso <https://www.facebook.com/bregabregosoo/?fref=ts> Acessado em 4 de Março de 2017.

⁸ Sobre Brega Bregoso https://www.facebook.com/pg/bregabregosoo/about/?ref=page_internal Acessado em 4 de Março de 2017.

periféricas) considerada o principal polo de surgimento de artistas do gênero musical brega e brega-funk, daí a associação com o nome deste personagem. O personagem comenta eventos que movimentam o cotidiano nacional, estadual ou local, mas com a ótica de pessoas da periferia, da ótica marginal, utilizando gírias e outros mecanismos linguísticos próprios. A página também retrata a vida de cantores, letras de músicas de brega e o impacto do gênero brega no Recife.

Ressalta-se, portanto, as questões discursivas, identitárias e sociais levantadas pelo perfil: são sujeitos considerados marginais; moram em localidades periféricas; preferem os gêneros musicais brega e brega-funk, que são gêneros não-eruditos; e, de caráter mais relevante em nossa pesquisa, divulgam gírias que atuam como identidade de grupo com as características citadas, ressaltando a formação de signo e de estratégia de comunicação entre os sujeitos deste grupo.

3.1.2. “Eu me chamo KééTHLyN”

A segunda página que retiramos textos para nossa análise se chama “Eu me chamo KééTHLyN”⁹. A página possui 144 mil curtidas e possui uma frequência de publicação menor em relação ao perfil Brega Bregoso. O perfil também se estende a outras redes sociais, como o Instagram e o Twitter.

É importante ressaltar que esta página é um perfil-paródia de outra página famosa no facebook, chamada “Eu me chamo Antônio”, que possui mais de 1 milhão de curtidas. A “Eu me chamo Antônio” apresenta um personagem fictício (Antônio), baseado no moderador do perfil, escrito a cada postagem publicada no facebook, apresentando frases de poemas, músicas, ilustrações poéticas e crônicas, funcionando como um personagem sendo escrito e vivido a cada publicação. Este perfil, portanto, discute questões consideradas eruditas, não incorporando questões marginais em seu conteúdo. Há, dessa forma, uma paródia, em que KééHTLyN propõe o envolvimento de gírias e de comportamentos que são considerados marginais, em contradição ao seu perfil de referência, Antônio, que é erudito.

Em sua biografia, a personagem KééHTLyN se autodescreve de duas formas; a primeira, retirada em 2016, e a segunda, em 2017:

“Ketlyn, mais conhecida na internet como ~KééHTLyN~, foi encontrada pelas ruas de itaquera e é a irmã perdida de Antônio. Apesar de ter somente 16 anos já se auto intitula uma rolezeira que gosta de sair pra ficar, beber e primeiro o

⁹ Eu me chamo KééTHLyN <https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/?fref=ts> Acessado em 6 de Março de 2017

beijo depois o whatsapp. Adora tirar uma com a cara das inimigas e mostrar que ela sim é a melhor”
(EU ME CHAMO KÉÉTHLYN, FACEBOOK, 2016).

KééHTLyN Silva e Silva é uma guerreira. Depois de uma infância difícil, batalhou muito para conseguir o que sempre quis: um ex-marido rico. Hoje passa o tempo inteiro na internet porque vai se preocupar com o quê né? A belíssima pensão paga o aluguel e as compras, então, passa todo o tempo na internet compartilhani seus pensamentos.
(EU ME CHAMO KÉÉTHLYN, FACEBOOK, 2017)

Esta página abrange, em questões discursivas, praticamente as mesmas questões da página “Brega Bregoso”: trata-se de um sujeito marginal, sendo, desta vez, uma mulher; mora em lugares semi-periféricos, desta vez da cidade de São Paulo (o bairro de Itaquera e seus entornos), publica alguns de seus *posts* com letras ou trechos de letras do gênero musical funk, considerado marginal; e publica gírias como marca de identidade de seu grupo social.

3.1.3. IMAGENS DOS PERFIS

Atuando como autodescrição, o facebook proporciona a foto de perfil e a foto de capa para todos os usuários. Nas páginas que analisaremos, buscaremos inicialmente percepções sobre a identidade empregada nas imagens de perfil e de capa das duas páginas do facebook, atuando como uma representação dos perfis marginais, ou ainda uma estereotipação dos mesmos.

Na página Brega Bregoso, em primeiro lugar, deve-se ressaltar que as suas fotos de perfil mudam frequentemente, dependendo da época do ano (em que se comemoram as festas populares, como Carnaval, Festa Junina, Natal e Reveillon) ou do tema que estiver em pauta na sociedade (política, social, cultural, saúde). As imagens contêm a caricatura do cantor pernambucano MC Sheldon, ídolo do personagem Bregoso (e também de indivíduos marginalizados), considerado o precursor do gênero brega-funk no estado de Pernambuco, pelo qual assume como um *auter ego*. A estas imagens, são incorporados alguns acessórios comuns ao perfil de indivíduos que residem em periferias ou que frequentam lugares com perfil marginal.

Figura 1: Imagem do Perfil “Novembro Azul”



Figura 2: Imagem do Perfil “Outubro Rosa”



Figura 1: <https://www.facebook.com/bregabregosoo/photos/a.638988242880270.1073741825.638987882880306/998288513616906/?type=1&theater> Imagem da Página Brega Bregoso. Acesso em 14 de Março de 2017

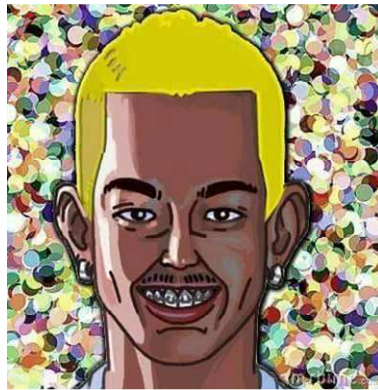
Figura 2: <https://www.facebook.com/bregabregosoo/photos/a.638988242880270.1073741825.638987882880306/974817805963977/?type=1&theater> Imagem da Página Brega Bregoso. Acesso em 14 de Março de 2017

As figuras 1 e 2 remetem aos meses de prevenção, tratamento e de maior atenção à saúde do homem e da mulher. A figura 1 retrata o Novembro Azul, (representada através da cor de fundo) e a figura 2, o Outubro Rosa (também representada pela cor de fundo). Como dito anteriormente, as fotos de perfil mudam conforme o fato, evento ou o momento, remetendo a algum elemento histórico que esteja presente na *cultura pop*. Tanto o Novembro Azul quanto o Outubro Rosa são campanhas organizadas pelo Ministério da Saúde para que se promova uma questão saudável acerca das pessoas, ainda mais onde não há um desdobramento maior nas questões de acesso à saúde básica, como nas periferias, fato este que a página cita. Além disso, ainda há a questão de preconceito acerca dos homens sobre a campanha Novembro Azul, pelo fato do toque retal para a realização do exame de próstata, que frequentemente é alvo de piadas entre os próprios homens.

As duas imagens, portanto, promovem os eventos de saúde para, além de uma foto de perfil das redes sociais, uma conscientização coletiva, fator que contribui para a efetivação da campanha para todas as pessoas.

A figura 3 remete a um outro evento do ano, o Carnaval, fato que se confirma, além do plano de fundo, preenchido por confetes, o cabelo descolorido e pintado de loiro da caricatura do personagem:

Figura 3: Imagem de Perfil “Carnaval”



Fonte:

<https://www.facebook.com/bregabregosoo/photos/a.638988242880270.1073741825.638987882880306/801101603335599/?type=1&theater> Imagem de Perfil da Página Brega Bregoso. Acessado em 24 de Março de 2017.

A figura 3 é uma outra imagem de perfil da página Brega Bregoso, desta vez remetendo ao Carnaval. Chama a atenção, principalmente, além dos confetes, o cabelo loiro ou descolorido, fato muito comum entre os homens que moram em periferias neste período de festas. Descolorir o cabelo também faz parte da identidade do sujeito morador da periferia, principalmente na época do carnaval, em que há uma preferência geral ao fator diferenciação, que se aflora em fantasias, máscaras, adereços, entre outros itens.

A imagem de perfil atual da página (publicada em 23 de Janeiro de 2017) possui um outro cantor homenageado, também do gênero musical brega funk, chamado MC Troia, ou *Troinha*, chamado assim popularmente:

Figura 4: Imagem de Perfil “Periferia”



Fonte:

<https://www.facebook.com/bregabregosoo/photos/a.638988242880270.1073741825.638987882880306/1077057982406625/?type=1&theater> Foto de Perfil da Página Brega Bregoso. Acessado em 14 de Março de 2017.

A figura 4, ao contrário das outras, não apresenta um evento ou data específicos de comemoração, mas apresenta, em plano de fundo, uma periferia, além de outros objetos identitários constituídos como signos, entre eles a corrente (cordão), o uso de

brincos, o cabelo descolorido e em corte no estilo moicano, e os tracejados na sobrancelha.

Por muitas vezes, o consumo de moda, em vestes e acessórios, são associados ao signo e identidade de grupo. De acordo com Crane (2006),

O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade. [...] O vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam fronteiras de status (CRANE, 2006, p. 21).

Apesar de, nas imagens de perfil analisadas, não haver a presença de roupas, há o uso de acessórios (o brinco nas três primeiras analisadas e o cordão na figura 4) e de manifestações que se apresentam no corte da sobrancelha e do cabelo, que há dois riscos, traços comuns que são configurados aos sujeitos uma identificação marginal, própria do grupo ao qual pertence.

O uso do brinco por homens, por exemplo, é uma prática bastante antiga (índios, povos do Egito Antigo, entre outros), mas não era utilizado na sociedade ocidental, por esta julgar apenas necessário o uso de brincos por mulheres. Tornou-se ainda mais alvo de preconceito quando, no fim dos anos 1960, *hippies* e homossexuais também começaram a fazer uso. Com o passar dos anos, mais precisamente entre o fim dos anos 1980 e começo dos anos 1990, rappers americanos negros, advindos da periferia (o gueto) das grandes cidades americanas também tornaram os brincos acessórios em seu visual, fator que contribuiu ainda mais o preconceito sobre o acessório, justamente pelo preconceito sobre o rap (gênero musical marginal) e, atrelado a este, o racismo. Um outro fator curioso é uma espécie de lenda urbana que surgiu da prática da homofobia, sinalizando a condição sexual como sinalização: de acordo com o uso do brinco, se um homem utiliza o acessório na orelha direita, sinaliza homossexualidade. Um homem heterossexual, segundo esta lenda, ou utiliza o brinco apenas na orelha esquerda ou nas duas orelhas. O brinco é, dessa forma, um signo ideológico marcado pela ideologia cultural do preconceito aos sujeitos marginalizados.

Estas imagens e signos, que são desvelados através do preconceito, constroem a imagem de perfil da marginalização, como já explicitado anteriormente, remetendo e fortalecendo construções ideológicas acerca do grupo social ao qual pertence o sujeito.

No perfil “Eu me chamo KééHTLyN”, também pode-se constatar a presença de elementos que também remetem a perfis tidos como marginais.

Figura 5: Perfil “Eu me chamo ~KééHTLyN~”



Figura 5

Figura 6: Capa do Single Anaconda



Figura 6

Figura 5: Fonte: <https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/photos/a.501481856630681.1073741825.501477309964469/806648826113981/?type=1&theater> Eu me chamo ~KééHTLyN~, Acesso em 13 de Março de 2017.

Figura 6: Fonte: ¹ <http://www.billboard.com/articles/columns/the-juice/6185510/nicki-minaj-reveals-sexy-artwork-for-anaconda-single> Billboard. Acesso em 13 de Março de 2017.

Ressalta-se da figura 5, que apresenta a imagem de perfil da personagem KééHTLyN, a presença de elementos fundamentais quanto à vestimenta, aparência física e acessórios, entre elas o uso de cabelos loiros, maquiagem forte e um maiô com uma estampa de animal (a popular *estampa de oncinha*).

O uso de cabelos loiros é geralmente associado ao destaque, à representação maior na sociedade. Em diversos estudos sobre o estereótipo loiro são apresentados pontos positivos e negativos quanto à cor de tintura de cabelo. No lado negativo, há o popularíssimo estereótipo da “loira burra”, que frequentemente é utilizado em piadas e causos populares. No lado positivo, os cabelos loiros são sempre associados à questão de poder. Segundo Fialho (2014, p. 201), “Através da história, é muito mais comum encontrar loiras em eventos ligados às poderosas elites, políticas e financeiras, do que morenas, [...], a saber, Afrodite, representada pelas pinturas no Renascimento, e no século XX, as figuras de Merylin Monroe e Margaret Tacher”.

Desse modo, o loiro, que é associado às questões de poder, torna-se um fator de destaque nas questões sociais do ambiente marginalizado, bem como as influências advindas de personalidades midiáticas que são absorvidas como reflexo para os sujeitos.

Ainda na imagem de perfil, há a posição corporal em que a personagem KééHTLyN se encontra. A imagem 4, a foto da personagem, foi inspirada na figura 5, sendo esta a capa de um *single* (música lançada geralmente com um videoclipe) da

cantora natural de Trinidad e Tobago, mas radicada norte-americana, Nicki Minaj, chamado *Anaconda*¹⁰, em que, no refrão (polêmico), há a letra “*My anaconda don’t want none, unless you got buns, hon*”, em livre tradução, “Minha anaconda não quer nada a menos que você tenha uma bunda grande”, em que *anaconda* remete ao órgão sexual masculino. Esta capa causou polêmicas assim que foi lançada, sendo, em vários países, colocada uma tarja para cobrir as nádegas da cantora. Tal fato ainda remete à importância das nádegas (bunda) como símbolo sexual. Principalmente no Brasil, as nádegas femininas são o maior símbolo sexual, sendo inclusive “exportadas” e exploradas através do Carnaval, nos desfiles de escolas de samba, e no período do verão, em que boa parte das pessoas vão à praia. A personagem Kééthlynn sofre, dessa forma, o preconceito trazido através da idealização corporal da mulher.

A página, em suas fotos de capa, também trazem as nádegas femininas como símbolo sexual:

Figura 7: Foto de Capa Eu me chamo ~KééHTLyN~ “Copa do Mundo”



Fonte

Figura

7:

<https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/photos/a.501861776592689.1073741828.501477309964469/535457266566473/?type=1&theater> Foto de Capa da Página Eu me chamo KééTHLyN. Acessado em 14 de Março de 2017.

Figura 8: Foto de Capa Eu me chamo ~KééHTLyN~



Fonte Figura 8:

<https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/photos/a.501861776592689.1073741828.501477309964469/501866326592234/?type=1&theater> Foto de Capa da Página Eu me chamo KééTHLyN. Acessado em 14 de Março de 2017.

¹⁰ A música *Anaconda* é uma versão de uma outra música, lançada em 1992, chamada *Baby got Back*, de um grupo de rappers americanos (Sir Mix a Lot). A nova versão produzida por Nicki Minaj trouxe alguns versos, inclusive o verso que se tornou refrão da nova versão.

As duas fotos de capa são versões da mesma imagem: as duas são a personagem KééTHLyN, de costas, com as nádegas em evidência. A figura 7 é a versão comemorativa, assim digamos, da Copa do Mundo de 2014, em que a personagem veste o uniforme da seleção brasileira de futebol com modificações, apontando ao lado sexual: o short passa a ser um minishort, a camisa passa a ser um *cropped* (roupa que deixa a barriga à mostra) e o meião passa a ser uma meia-calça, que também é utilizada como vestimenta com forte apelo sexual. Além disso, também chama a atenção o fato das nádegas, e não precisamente a “boca” da personagem, falarem; o fato de o balão com a fala “Eu me chamo ~KééHTLyN~” estar sendo dito pelas nádegas, símbolo sexual, acusa uma outra face, ou uma nova personalidade em KééTHLyN. Daí, há a evidenciação da exploração do corpo da mulher, quando a região corporal símbolo sexual é mais importante que a boca, resultando numa espécie de Abaporu moderno, desta vez com uma personagem do mundo marginal. Ainda há a menção #VaiKaka, típica da rede social *twitter*, em apoio ao jogador de futebol Kaká, que não jogou a Copa do Mundo, mas que possui um forte apelo popular por ser admirado fisicamente e futebolisticamente. A desinformação da personagem acerca da não convocação do jogador ainda atíça o discurso estereotipado de que mulher não entende de futebol, reforçando uma forma machista de dominação da figura masculina neste esporte.

Nas três imagens advindas do perfil analisado, vemos a presença de um elemento em comum, que sempre representa o plano de fundo da imagem ou ainda a roupa da personagem: a estampa de pele de onça-pintada, popularmente chamado “estampa de oncinha”. Não apenas a de onça-pintada, mas também de outros animais, estas estampas sempre estão presentes nos itens de moda, inclusive de marcas famosas mundialmente. A admiração por esta estampa, embora não seja comprovada cientificamente, é dita por psicólogos por estar em nosso DNA, desde os tempos em que os ancestrais matavam animais para comer sua carne e vestir sua pele, mas apenas como protetor, não funcionando como elemento de beleza. Nos períodos históricos pré-determinados como Idade Antiga e Idade Média, muitos reis utilizavam peles de animais, como zebras, antílopes e panteras como item de status e poder. No Século XX, com a grande difusão de moda, cultura e a efetivação da globalização, muitas companhias de moda, atrizes, cantoras e outros artistas difundiam as estampas de animais, sendo a de onça-pintada, lançada por um dos maiores estilistas de todos os tempos, Christian Dior, a preferida das pessoas. Com a popularização das estampas, sendo fortemente adotada pelas classes economicamente mais baixas, a estampa de onça foi considerada pela elite um item

“brega”, e, curiosamente, considerada pela classe baixa um item comum à elite, como uma forma de aproximação entre uma e outra, partindo pela representação do signo ideológico desta estampa. No mais, as estampas de animais continuam sendo onipresentes em desfiles das maiores marcas e também presentes em lojas populares de todo o mundo¹¹.

A partir das imagens analisadas acima, a ideologia dos sujeitos marginais, que englobam temas como poder, economia e gênero, provocam a formação da identidade e, por conseguinte, os estereótipos. Além disso, a ideologia também constrói a formação de sentido em produtos e instrumentos, formando signos ideológicos, como os analisados, entre eles o cabelo loiro, a estampa de oncinha e os brincos, por exemplo.

As imagens analisadas, das páginas Brega Bregoso e Eu me chamo ~KééHTLyN~, levantam três questões principais: a marginalidade e sua relação com o crime; a desigualdade social e suas consequências culturais; o corpo, acessórios e aparência e o preconceito, juntamente ao fator discursivo e a criação do signo linguístico. As três discussões levantadas interferem, logicamente, na sua linguagem, formando assim termos novos, os termos gírios, os quais já foram explicados anteriormente.

4. ANÁLISE DOS TEXTOS

Os perfis “Brega Bregoso” e “Eu me chamo ~KééHTLyN~”, como já dito anteriormente, publicam textos e imagens com textos que possuem praticamente o mesmo teor apresentado em suas imagens de perfil e de capa. As questões de identidade, signo, discurso e memória estão refletidos na linguagem publicada pelas páginas. Iremos buscar, durante a análise dos textos publicados pelas páginas, as gírias que fazem parte do vocabulário dos perfis e dos grupos sociais representados, trazendo as discussões vistas durante a fundamentação teórica deste trabalho.

3.2. TEXTOS DE “Brega Bregoso”

A página, como já citado, publica imagens com bastante frequência. Para a análise, buscamos três textos publicados pela página, praticamente sempre relacionados a algum contexto social ou evento, obviamente, vistos a partir da ótica do sujeito

¹¹ AZZI, Cristine. **A moda e o Animal Print: uma Breve História**. Disponível em: <http://modamodamoda.com.br/a-moda-e-o-animal-print-uma-breve-historia/> Acesso em 14 de Março de 2017.

marginal. Chamaremos de *textos* por não nos atermos à teoria dos gêneros, principalmente pela ainda não definição dos gêneros existentes nas redes sociais, devido às constantes mudanças de estrutura.

3.2.1. TEXTO I

O texto I foi publicado em 25 de Outubro de 2015, no segundo dia do Exame Nacional do Ensino Médio, onde são realizadas as provas de Língua Portuguesa, Matemática e a Redação, em que esta última sempre se encontra entre os assuntos mais comentados do dia, em que, neste exame, o tema da redação foi colocado como “A Persistência da Violência contra a Mulher na Sociedade Brasileira” fato que contextualiza o texto publicado:

Figura 9: Publicação I da Página Brega Bregoso

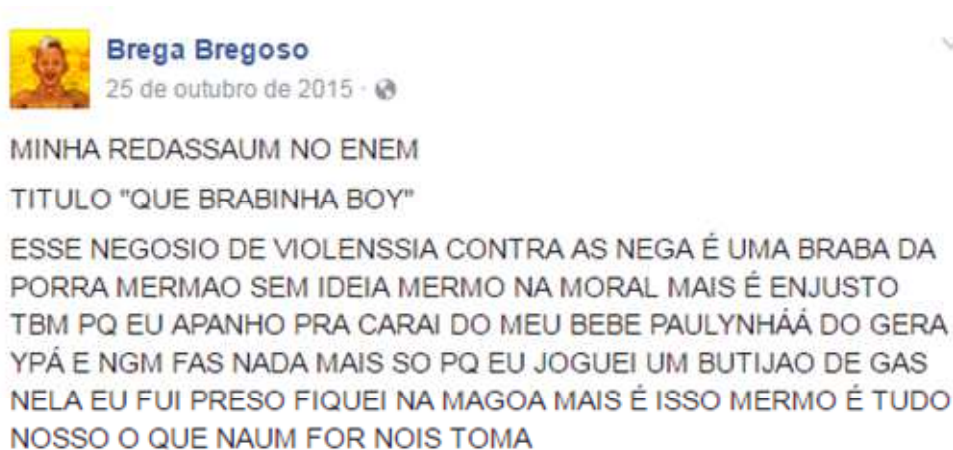


Figura 9: Fonte: <https://www.facebook.com/bregabregosoo/posts/771334589645634?match=YnJhYmluaGEgYm95> Publicação – Brega Bregoso. Acesso em 15 de Março de 2017

Antes de analisarmos as gírias e suas condições identitárias, é necessário ressaltar a linguagem do personagem. Percebe-se, através da escrita, que Bregoso não possui domínio da Gramática Normativa, apresentando características sobre marcas da oralidade, e principalmente, sobre questões ortográficas, como dúvidas relacionadas ao uso de *ss* ou *s*, *c* ou *s*, por exemplo, além de palavras que são típicas da linguagem da internet, o *internetês*, principalmente nas abreviações, como em *pq*, *tbm*, entre outras. Isto também configura uma constituição de sujeito representada em Bregoso, colocada em sua formação discursiva.

Como já discutido anteriormente, a gíria é também isolamento linguístico, pois servirá, de início, apenas para ser utilizada em um grupo social. Dessa forma, veremos,

na análise das gírias dos textos, formas gírias que não obedecem ou pouco obedecem às regras da Gramática Normativa, ou ainda à norma padrão.

As gírias encontradas no texto e que fazem parte do grupo social da periferia, da marginalidade, neste caso, encontrada na Grande Recife, e que ainda não são usadas pela sociedade em geral, são: *que brabinha* e *uma braba*. Outras, que já são utilizadas pela sociedade em geral, mas não deixam de ser elemento de identidade do grupo marginal, são: *as nega; bebe, na moral; é tudo nosso*.

Abaixo, as relações existentes nas gírias acima e suas relações como identidade de grupo, além do uso da memória no discurso dos sujeitos marginais:

- *Que brabinha*: esta gíria é utilizada pelos sujeitos marginais, em seu grupo social, para apresentar mulheres que são corajosas, independentes, empoderadas, ou ainda que estejam enraivecidas devido a alguma situação. *Brabinha*, que vem do regionalismo *braba*, e que este vem de *brava*, não ganha um novo sentido, mas acentua-o: se antes era apenas brava, raivosa, as mulheres que possuem tais características também são chamadas de *brabinhas*. O fator de memória apresentada nesta gíria admite a força das campanhas feitas por mulheres, possibilitando o discurso feminista e a sua ideologia. Geralmente, “que brabinha boy” é falada por homens, funcionando como uma interjeição de espanto ou admiração, pelo fato da mulher apresentar tais características durante determinada situação. No fim de 2014, uma música foi composta e intitulada com esta gíria. “*Que Brabinha Boy*” foi lançada por uma dupla de cantores recifenses, criados na periferia da cidade, em que a letra conta a história de uma mulher que vingou-se de seu namorado com traição, fator este que pode ser associado às questões de independência.
- *Uma braba*: apesar de *braba* e *brabinha* serem de uma mesma raiz, possuem direcionamentos diferentes. Enquanto *brabinha* é uma mulher, *braba* é uma situação difícil, inusitada, ou ainda urgente. *Braba* é falada em outras regiões do Nordeste apenas com o sentido de uma pessoa raivosa, apresentando usos diferentes de um mesmo vocábulo. A questão interdiscursiva de *braba* é proveniente da oralidade – *brava* é colocado como pertencente à norma padrão, enquanto *braba*, além de ser utilizada popularmente com forte entonação (devido ao seu poder semântico), é da linguagem informal, onde justamente se encontram

os falantes da periferia, com “raízes” fortes em relação à sua ascendência, gerando um significado de patriotismo dentro da Região Nordeste.

Tanto *brabinha* quanto *braba* apresentam, desse modo, uma tradição oral que remete ao discurso ideológico da construção do sentido da entonação proveniente do Nordeste, atuando também como um fator de identidade. Por sua vez, *que brabinha boy* carrega principalmente o discurso ideológico do machismo. As duas gírias pertencem ao grupo social marginal da periferia e refletem posicionamentos discursivos dos membros, consequência das ideologias que circulam na sociedade.

As outras gírias continuam com marcas de signo grupal, mas perderam seu estigma de código. Transformaram-se em elementos de linguagem social, mas são diferenciadas pelo público que fala a linguagem, passando ao estágio de gíria comum, sendo elas:

- *as nega*: a gíria, apesar de ser uma gíria comum por um tempo, voltou a ser apenas signo de grupo, por um “abandono” da sociedade em seu uso em geral e um resgate feito pelo grupo social marginal. *Nega* vem da palavra *negra*, e tem uma origem simples, mas preconceituosa, tocando em questões misóginas e racistas; no Brasil colonial, quando os senhores donos de escravos jogavam algum esporte, o prêmio era uma escrava, a negra. Percebemos que, hoje, *nega* é utilizada tanto como uma forma carinhosa quanto uma forma de xingamento, embora a última mais comum; geralmente, as prostitutas e amantes são chamadas de “negas”. Hoje, a expressão gíria relativamente nova, que se popularizou nas redes sociais “*não sou tuas negas*” reflete uma situação que toca na memória de preconceito, citando uma forma de rejeição à terceira pessoa como um xingamento, porém carregado de preconceito.
- *Bebe*: a gíria *bebe* (bebê), embora esteja escrita sem o acento circunflexo no segundo *e*, apresenta o sentido de carinho, carregando a mesma carga semântica das crianças de colo, os bebês, que recebem carinho e dedicação dos pais. Neste sentido, o parceiro sente a necessidade de cuidar da parceira, chamando-a de bebê.
- *Na moral*: O sentido original desta expressão gíria expressa o sentido de tranquilidade. Foi utilizado como signo de grupo marginal para apresentar saídas tranquilas, estratégicas, principalmente de revistas policiais ou situações que envolvessem a polícia. A gíria também é utilizada pelos sujeitos marginais de uma outra flexão, no diminutivo, *na moralzinha*, guardando o mesmo sentido. O

significado utilizado geralmente na sociedade em geral, inclusive também pelo grupo marginal, ocorre quando *na moral* age como um termo intensificador, sempre utilizado para reforçar a ideia de que o que foi dito é verdade. A moral, qualidade de quem possui caráter, ética, verdade, é explorada para que haja a efetivação da gíria, neste segundo sentido. Vemos, neste caso, uma gíria que tornou-se gíria comum de uma maneira “errada”, pois é falada pela sociedade sem possuir o sentido de origem, quando falada pelo grupo marginal. Por sua vez, o grupo marginal utiliza a gíria na moral nos dois sentidos, dependendo da situação contextual. Na situação descrita no texto I, o personagem utiliza a gíria no segundo sentido.

- *É tudo nosso*: esta gíria coloca em discussão, obviamente, a questão de posse. Frequentemente, cantores advindos de periferias (que possuem como público alvo os próprios moradores das periferias) incluem esta gíria em músicas, a fim de enaltecer o poder das pessoas marginalizadas. A gíria é acompanhada também de um complemento – *o que não for, nós toma*. Obviamente, a forma “*é tudo nosso, o que não for, nós toma*” remete ao grupo social marginal que comete crimes, neste caso, o de furtos e roubos. Esta gíria ainda não é comum, por não ser utilizada pela sociedade em geral, mas encontra-se em estado intermediário, por não ser mais apenas usada por um grupo social.

Ainda é possível constatar a presença da expressão *pra carai*, mas este é um caso de linguagem obscena que não se configura como termo gírio, logicamente pelo fato de não ser utilizado como signo de grupo, mas como uma expressão que engloba xingamento, principalmente por sua origem. A sequência filológica, assim digamos, da palavra fica em: *carai*>*caralho*>*carvalho*. *Carvalho* é uma expressão que vem do significado de carvalho, uma árvore que possui madeira bastante resistente, dura, remetendo, dessa forma, à rigidez do órgão sexual masculino em estado de ereção. *Carai*, a redução de *carvalho*, é utilizada ou como xingamento ou como expressão de espanto ou de intensidade, não sendo, portanto, uma gíria.

As gírias retiradas do texto I possuem um interdiscurso marcado por temas presentes na sociedade atual, que obviamente são repassados aos sujeitos e, através da identidade do grupo social ao qual pertence, passa a ser falado pelos sujeitos. O enredo do texto falado por Bregoso apresenta a visão do personagem acerca do que é, para ele, a

violência contra a mulher, mesmo que de uma forma inusitada, mas que apresenta tópicos da convivência na periferia, e ainda no grupo de sujeitos marginalizados.

Os discursos sobre misoginia, racismo, ética e criminalização, como empregados nas gírias analisadas acima, aparecem na memória do discurso dos sujeitos marginalizados, representados pelo personagem Bregoso, podendo também entrar como elementos de construção da identidade do grupo social. Há, desta forma, uma constante dinamização, que resulta no surgimento das gírias.

3.2.2. TEXTO II

O texto II foi publicado em 1 de Novembro de 2016, e foi direcionado ao evento criado “Encontro de Inscritos 12/11 (Marco Zero)”:

Figura 10: Publicação II da Página Brega Bregoso



Fonte Figura 10:
<https://www.facebook.com/events/1760013837572124/permalink/1771402393099935/>
 Publicação – Brega Bregoso. Acesso em 15 de Março de 2017.

O texto acima é escrito por Bregoso com a finalidade de chamar a atenção de homens que queiram um encontro com mulheres, para que haja uma troca de números telefônicos, na publicação, entre ambos.

As gírias encontradas no texto acima são *bbzord*, *se amoitar*, *colar* e *contatinhos*. Entre as gírias pertencentes apenas ao grupo social da periferia, *bbzord* e *se amoitar*; as gírias encontradas que estão presentes em outros grupos sociais e/ou na sociedade em geral, *colar* e *contatinhos*.

- *bbzord*: esta gíria é formada pelo processo de aglutinação entre duas palavras: *bebê* (a gíria, já analisada) e *megazord*. Megazord é um personagem da série infanto-juvenil americana Power Rangers, transmitida no Brasil por diversas emissoras de televisão entre o fim dos anos 1990 e o começo da década de 2010. O personagem é formado através da montagem das máquinas dos Power Rangers, guerreiros que lutam contra vilões, formando um ser robótico alto e forte. O uso

da gíria *bbzord* remete a uma memória de infância dos membros do grupo, mesclando com o uso da gíria *bebê*. Desse modo, o sentido de uso de *bbzord* é diferente de *bebe*, embora as duas gírias sejam utilizadas, no grupo, para nomear as mulheres.

- *Se amoitar*: *amoitado* é um regionalismo encontrado na região Nordeste, que por sua vez remete ao sentido de escondido, ou algum lugar reservado. Geralmente, uma moita (aglomerado de vegetação de uma espécie ou mais) é utilizada pelas pessoas como forma de esconderijo, pois entende-se como um local afastado de movimentações, onde não existem mais casas, apenas vegetação. No sentido utilizado pelo personagem na postagem em análise, a gíria *se amoitar* remete ao ato sexual, em que o sentido de esconderijo e afastamento das pessoas incitam ao mesmo sentido encontrado na palavra moita.

A gíria *bbzord*, como já dito, remete à memória de infância, uma memória afetiva. A série *Power Rangers*, líder de audiência nos anos 1990 e 2000 provocou, no caso do personagem Bregoso (representando os sujeitos marginais), que possivelmente assistia a série, uma relação afetiva entre o personagem que eles admiravam e as mulheres que os sujeitos marginais do sexo masculino também admiram. Dessa forma, a criação da gíria *bbzord* incita a um lugar de memória no passado (neste caso, na infância) que eclodiu na relação entre duas personalidades que eles gostam/admiram: a mulher e o personagem da série infantil.

- *Colar*: gíria comum que remete aos sentidos de ficar junto, chegar, ir, tornar-se amigo ou até namorado. No texto, colar tem o significado de acompanhar.
- *Contatinhos*: apesar de ser uma gíria nova, ganhou notoriedade principalmente entre os grupos sociais formados por jovens, através da divulgação em massa. *Contatinhos* faz referência aos contatos de pessoas que se possui interesse presentes na lista telefônica. A gíria difundiu-se através das músicas compostas por cantores advindos da periferia carioca.

As gírias *colar* e *contatinhos* são gírias que não nasceram exclusivamente no ambiente marginal da periferia, mas no grupo social jovem de uma forma geral, não possuindo, assim, um elemento discursivo que seja passível de identificação do grupo marginal, assim como as outras já analisadas. Porém, ela também foi adotada pelo grupo marginal nas periferias, pois este também faz parte do grupo marginal jovem.

3.2.3. TEXTO III

O texto publicado abaixo, no dia 30 de novembro de 2015, é uma republicação de um perfil privado, por isto não mostraremos o nome e a imagem de perfil.

Figura 11: Publicação III da Página Brega Bregoso



Fonte Figura 11:
<https://www.facebook.com/bregabregosoo/photos/a.639143309531430.1073741827.638987882880306/784959721616454/?type=3&theater> Brega Bregoso – Imagem. Acesso em 15 de Março de 2017.

O texto III, proveniente da figura 11, como já dito antes, é uma republicação, em que a pessoa responsável pelo perfil escreveu a letra de uma música chamada “Meu violão e o nosso cachorro”, esta interpretada pela dupla sertaneja Simone e Simária, que foi uma das músicas de maior sucesso nas rádios do Brasil no ano de 2015 e 2016.

O trecho escrito pelo perfil traz o início da letra “*pode ficar aqui sou eu que vou partir, o que a gente construiu, não é preciso dividir*”, sendo escrito da maneira em que se baseia a página Brega Bregoso. Ao final, a publicação original escreve a gíria *castelo*, e na republicação, as gírias *castelo* e *com pasa* (*comparsa*).

- *Castelo*: a gíria castelo surgiu também em grupos marginais, remetendo à questão da memória sobre o sentido da existência do castelo, bastante presente em histórias infantis. Em tais contos, as torres dos castelos eram altas e onde ficavam aprisionados alguns personagens, como princesas (Rapunzel e Bela (de A Bela e a Fera), por exemplo), e tal aprisionamento remete ao pensar, pois, em senso comum, o aprisionamento gera apenas poucas ações, e a de pensar é a principal

(pensar, neste sentido, não está associado apenas a raciocinar, mas também de criar, de fixar e até de criação de paranoias). Desse modo, o surgimento da gíria *castelo* é uma mescla entre a conotação das palavras *alto* e *pensamento*: a gíria vem da sensação do uso de drogas, em que a pessoa tem pensamentos altos, devaneios, delírios, fica “chapada”. Porém, esta gíria é também utilizada no cotidiano para denominar situações em que sujeitos imaginam situações paranoicas ou “altas”.

A gíria *castelo* carrega, em seu sentido, uma questão inusitada de memória: há uma mistura entre a memória resgatada do sentido de *castelo* em contos e filmes infantis e a sensação do uso de drogas. Na publicação original, a menina fica em estado de *castelo* por estar cantando uma música que remete ao sofrimento emocional, descrito como uma separação de um casal, em que o perfil sofre e admite estar pensando muito, estar alto.

- *Com pasa (comparsa)*: a gíria *comparsa* nasce da construção semântica da palavra *parceiro*, utilizado, em seu sentido original apenas para definir um acompanhante, a pessoa que está ao lado de outra. Usou-se, dessa forma, a redução de *parceiro* – *parça* ou *parsa*. Porém, com a preferência deste termo por policiais, logo depois a palavra *comparsa* ganhou diversas manchetes policiais em jornais, fazendo com que os sujeitos marginais se autodenominassem não mais como “amigos”, mas como “comparsas” (também há o uso de *parceiro*, *chegado*, entre outros), devido ao teor de memória discursiva encontrado em tal palavra, chegando também como elemento de identidade de membros do grupo social marginal. Esta gíria, apesar de difundida fortemente nos veículos de comunicação, não é utilizada pela sociedade em geral justamente por ainda possuir uma memória carregada de negatividade, pois é utilizada para nomear sujeitos marginais que cometem crimes. Por um outro lado, dentro do grupo marginal, esta palavra é frequentemente citada, principalmente por carregar o signo do grupo.

O perfil Brega Bregoso, nas sequências discursivas analisadas, apresenta diversos temas que, aproveitando a condição de produção, foram criadas gírias que continham a identidade atrelada à memória discursiva. Buscou-se assim gírias que contivessem discursos em sua construção, atribuindo discursos históricos à construção da memória dentro da própria gíria.

3.3. TEXTOS DE Eu me chamo ~KééTHLyN~

Assim como o perfil Brega Bregoso, também escolhemos três textos publicados pela página Eu me chamo ~KééHTLyN~. Os textos também se assemelham aos eventos cotidianos encontrados na página Brega Bregoso, diferenciando-se em duas características principais: é um personagem feminino e é da periferia de São Paulo (Bregoso, como já dito antes, é das regiões periféricas de Recife).

3.3.1. TEXTO I

O texto I foi publicado em 22 de Outubro de 2014, e conta uma das aventuras cotidianas da personagem KééHTLyN. A situação apresenta a descrição da personagem ao ser assaltada, e a sua reação ao acontecido:

Figura 12: Publicação I da Página Eu me chamo ~KééHTLyN~



Fonte Figura 12:
<https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/posts/596763777102488?match=Z3XDqWxzIHRvIG9uIHRoZSBmbG9vcg%3D%3D> Publicação – Eu me chamo KééHTLyN. Acesso em 17 de Março de 2017.

A situação descrita por KééHTLyN, no texto da figura 13, apresenta o uso de gírias produzidas e reproduzidas em grupos sociais marginais, sendo elas: *guéls*; *guél power*; e *kirida*. Porém, tais gírias são ditas tanto por mulheres quanto também pelo grupo LGBT+, logicamente estes dentro do grupo social marginal da periferia ou da zona criminal.

- *Guéls*: a gíria, utilizada, especificamente, por mulheres e homossexuais, diz respeito à apropriação de um estrangeirismo. A palavra *guéls* é uma forma “abrasileirada” da palavra *girls*, que apenas se aproxima da pronúncia correta, e significa garotas, meninas, sendo oriunda do idioma inglês. Por ser um estrangeirismo proveniente do inglês, a gíria *guéls* indica a questão discursiva de poder: logicamente, falar, entender, e até conseguir cantar músicas em inglês é

algo considerado “chique”, e os sujeitos que falam pelo menos uma ou outra palavra em inglês, corretamente, também fazem parte desta elite “chique”. KééHTLyN, quando fala *guéls*, insere-se em um grupo de pessoas em que a própria se imagina. Isto reflete também a vontade de alguns em se diferenciar, ou ainda, de se idealizarem na terra onde se fala inglês e que possui a maior influência cultural do mundo – os Estados Unidos – como “a terra dos sonhos”, reproduzindo discursos disseminados pelos meios de comunicação, como o cinema.

- *Guél power*: esta gíria é recriada a partir de uma conhecida expressão: *black power*, que é condicionada a definir tipo de cabelo ou o estilo de vida de pessoas negras. *Guél power* é a assimilação a Black Power. Usa-se, dessa forma, para difundir também a busca da igualdade das mulheres, ressaltando o poder das mesmas, com a conquista de direitos e de redução de desigualdade perante a sociedade, nos aspectos políticos, econômicos e culturais.

KééHTLyN fala *guéls* por possuir um público alvo: as próprias *guéls*, como se houvesse uma identificação, uma espécie de pré-cadastramento para a concordância ideológica do que se publica na página.

Além de *guéls* e *guél power*, o termo *kirida* também é uma gíria, porém, foi redefinida de seu sentido original.

- *Kirida*: escrita desta forma, a palavra *kirida* é uma redefinição de *querida*. *Querida*, em seu sentido original, coloca a questão de pessoa amada, alguém que se quer bem. Porém, no sentido gírio, *querida* (variantes em *kirida*, *kerida*, *quirida*, na escrita, mas mantendo a mesma pronúncia na oralidade) atua como uma ironia, utilizada quando se quer tripudiar alguém ou quando se desafia alguém. Esta gíria, apesar de ser utilizada por KééHTLyN, do grupo marginal, também é falada por outros grupos sociais, especialmente os que há mulheres e homossexuais.

As gírias analisadas no texto I da *Eu me chamo –KééHTLyN~* apresentam interdiscursos marcados pela presença de ideologias comuns aos textos da página Brega Bregoso, como o discurso feminista. Além deste, a inserção de estrangeirismos é vista como uma introdução à forma de idealização do idioma inglês e a formação cultural. Além de *guéls*, KééHTLyN ainda cita o termo *on the floor*, em que a mesma ainda afirma ter feito um curso de inglês numa escola de idiomas, reafirmando o dito acima.

3.3.2. TEXTO II

O texto abaixo foi publicado em 2 de Março de 2016, e apresenta a divulgação de um blog chamado “Só pros Íntimos”:

Figura 13: Publicação II da Página “Eu me chamo ~KééHTLyN~”



Fonte da Figura 13: <https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/posts/812442192201311>
Publicação - Eu me chamo KééHTLyN. Acesso em 18 de Março de 2017.

O texto apresenta gírias que estão em estágio intermediário: *ueike ãpi*, *guéls*; *lacrando*; *né nón*; *baphons*; além de *kirida* e *guéls*, que já foram analisadas no texto I.

- *Lacrando*: a gíria é utilizada principalmente por grupos homossexuais, mas também é difundido por mulheres heterossexuais simpatizantes de pessoas LGBT. A gíria lacrar (e seus derivados – lacrador, lacrativo, lacrado) vem, obviamente, do seu sentido original: lacrar significa fechar, deixar sem brechas. Logo, incita a uma outra gíria: *fechar*. Fechar, em seu sentido gírio, significa deixar as pessoas admiradas, espantadas, boquiabertas. Logo, quando *fechar* virou gíria comum, sentiu-se a necessidade de criação de uma gíria que tivesse o mesmo sentido, criando *lacrar*, com o sentido ainda mais acentuado.
- *Né nón*: a gíria é uma readaptação de *né não?!*, expressão popular do português brasileiro utilizada como intensificador de afirmação, de concordância sobre um determinado fato. A gíria surgiu após a popularização da *webcelebridade* Inês Brasil, quando a mesma fazia vídeos de inscrição para o *reality show* Big Brother Brasil, não sendo selecionada, mas fazendo sucesso devido aos seus vídeos, em que falava inúmeros termos que viraram gírias dentro de grupos sociais falados por mulheres e homossexuais. A gíria também incorpora a adoção de estrangeirismos, ou, no caso deste termo, apenas a pronúncia. Embora *não* em francês seja *pas*, e não *nón*, a pronúncia é encarregada de tal poder de tradução, ou de “empréstimo de pronúncia”. Ainda é necessário citar que non também pode

ser *não* em inglês (britânico), no entanto, sem o acento agudo. A forma com o acento agudo é, dessa forma, proveniente do francês, embora seja apenas uma forma idealizada.

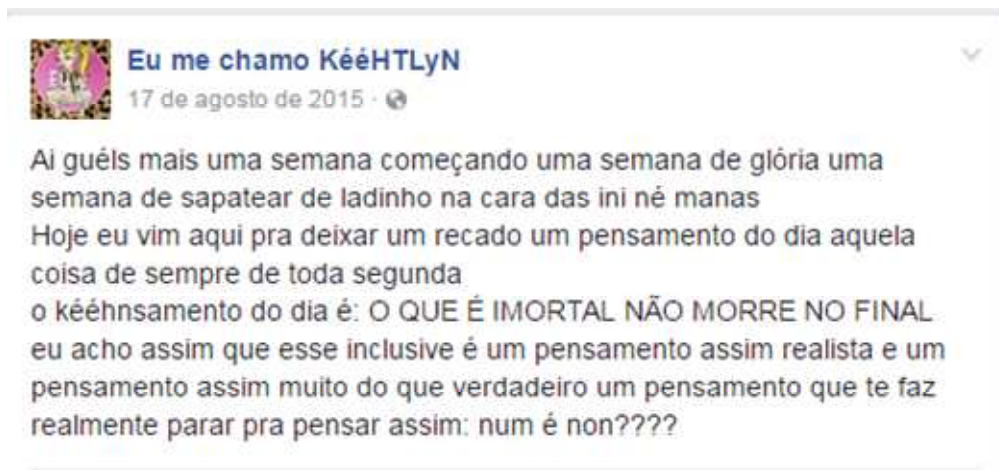
- *Baphons*: esta gíria sofre praticamente o mesmo processo de *nón* (que vem de *não*). *Baphon* vem de *bafão* ou *bafafá*, uma gíria comum, que significa alguma fofoca, sendo advindo de abafar. Abafar algo, em sentido gírio, significa esconder algo, não fazer fofoca para ninguém, não deixar escapar. Dessa forma, a variação *baphon* ganhou a sua forma “estrangeirada”, ganhando o fonema Φ (*ph*), e o *on* em vez do *ão*.

Há ainda a *ueike ãpi*, *guéls*, que apesar de não ser uma gíria (por não funcionar especificamente como signo de grupo), tornou-se uma expressão popular, quando a apresentadora Ana Maria Braga, em seu programa Mais Você, da Rede Globo de Televisão, no ano de 2009, fantasiou-se da cantora americana Madonna, e falou, ao invés de seu tradicional “acorda, menina” (que fala em todas as manhãs), a expressão em inglês “Wake up, girls” com forte sotaque do português brasileiro, fator este que se tornou piada, e logo depois, tornou-se uma espécie de dito popular em alguns grupos sociais, sendo lembrado até hoje por ser um dos momentos mais inusitados da televisão brasileira.

3.3.3. TEXTO III

A publicação abaixo foi publicada em 17 de Agosto de 2015 e traz uma espécie de periódico, que era publicado todas as Segundas-feiras, dia de volta ao trabalho e à rotina, como uma motivação. A seção era coordenada pelo “kééhnsamento do dia”, um pensamento do dia criado ou reproduzido em frase por KééHTLyN:

Figura 14: Publicação III da Página “Eu me Chamo ~KééHTLyN~”



Fonte da Figura 14: <https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/posts/730549593723905>
Publicação - Eu me chamo KééHTLyN~ Acesso em 17 de Março de 2017.

A frase reproduzida pela personagem foi “O que é imortal não morre no final”, frase retirada da música *Imortal*, de Sandy e Junior, lançada em 2003, e que se tornou motivo de sátira pelos ouvintes por se tratar de algo óbvio. Desse modo, a personagem kééHTLyN faz uma interpretação com marcas de oralidade, com uso de palavras repetidas em sua publicação.

As gírias utilizadas pela personagem foram *sapatear de ladinho*; *sapatear na cara das ini*; *manas*, além das já discutidas *ne nón* e *guéls*.

- *Sapatear na cara das ini*: a gíria é uma adaptação de “sambar na cara da sociedade”, gíria que, por sua vez, se originou de outra: “dar um tapa na cara da sociedade”. Tanto uma quanto a outra possuem a mesma finalidade e sentido: apontar alguma situação em que uma pessoa fez alguma coisa importante, como discursos, por exemplo. Sapatear e sambar, por sua vez, possuem memória associada ao uso do salto alto pela mulher. Os sapatos altos são também utilizados como símbolos de representação do poder: geralmente, mulheres que ocupam cargos de representação maior perante a sociedade utilizam saltos, fator que culmina tal simbolização. Quando se fala “sapatear na cara das ini” (ini é uma redução da palavra inimigas) incita-se o sentido de tripudiar, ganhar destaque, disputar e sair vencedora sobre as “inimigas”, com pessoas que não se dão bem.
- *Sapatear de ladinho*: Possuindo praticamente o mesmo sentido de “sambar na cara da sociedade”, sapatear de ladinho faz uma correlação com ao passo de samba, quando as passistas, além de estarem com salto alto e sambando, fazem um passo arriscado, aumentando ainda mais o “poder” simbolizado.

Nestas duas gírias, há a presença também do discurso feminista, principalmente da questão de poder, ou como dito pela própria KééHTLyN, *guél power*. A questão de identidade é trazida através de símbolos, inseridos na memória e transformados em gíria, utilizando como signo do grupo marginal.

Uma outra gíria que também representa a identidade feminista é *mana*.

- *Manas*: a gíria *mana* é uma flexão de gênero da gíria *mano*, porém, ganhando um significado diferente. Enquanto *mano* representa um amigo, um colega, *mana* ganhou a conotação de amiga, mas com uma outra simbologia: em protestos feministas ou usos de discursos feministas, as mulheres companheiras “de luta” foram nomeadas de *manas*. Dessa forma, a gíria carrega também o discurso feminista em sua constituição de interdiscurso. Antes de tudo, *mano* era um empréstimo do espanhol, uma redução da palavra *Hermano*, tradução livre de *irmão*.

As sequências discursivas gírias analisadas nos três textos da página *Eu me chamo ~KééHTLyN~* apresentam questões ideológicas e de memória que revelam conteúdos socio-históricos importantes para a formação do sujeito e de sua identidade. A ideologia apresentada por KééHTLyN em suas publicações indicam interdiscursos que envolvem feminismo, violência e cultura pop. A ideologia é, portanto, transformada em questões de identidade, sendo refletida, obviamente, na personalidade e nas atitudes de KééHTLyN perante os fatos “cotidianos” descritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação social é construída a partir da linguagem e seus signos, sentidos, significados e atrelados ao processo de diálogo, de comunicação, trazendo os princípios da linguagem. A comunicação e a interação sociais não são apenas colocadas em prática de indivíduo para indivíduo no plano presencial, real, mas também no modo virtual, através das redes sociais da internet. Estas, tendo o poder de divulgação em massa, principalmente pelo grande processo de modernização e de poder de compra das *classes C e D*, como popularmente são chamadas no país, acabam mesclando variadas opiniões, ideologias e perfis sociais. Com isto, diferentes variantes, termos, sotaques, regionalismos acabam sendo representadas por sujeitos em seus perfis. Dentre eles, há também a divulgação da gíria falada e surgida em grupos sociais marginais e seu discurso, sendo o objeto de estudo de nossa pesquisa.

As gírias analisadas e apresentadas nos textos I, II e III das duas páginas (Brega Bregoso e Eu me chamo KééHTLyN) possuem, obviamente, pontos em comum que permitem identificar o grupo do sujeito marginal, diferenciando-se nos temas de criação (discurso feminista, racismo, violência, infância, moral, empoderamento, entre outros, temas que fazem parte do cotidiano dos sujeitos que moram em periferias), mas criando laços em comum com o ambiente, o cotidiano, as situações e as condições de produção, quase sempre atreladas na memória discursiva e sempre conectadas à ideologia, por serem signos. A Análise do Discurso contribui, principalmente, na identificação da memória, da ideologia e da construção do sujeito discursivo.

Como nos Aparelhos Ideológicos descritos por Pêcheux, as práticas da ideologia marginal compreendem diversos processos que foram descritos durante os “desmembramentos” dos significados e sentidos destas gírias. A questão problema desta pesquisa – quais os processos de sentido que envolvem o uso das gírias pelos grupos marginais – é solucionada quando vemos que há diversos sentidos no uso da gíria como estratégia de interação entre sujeitos marginais, quando se prefere falar em espécies de códigos de grupo, utilizando, para isto, questões discursivas, como as apresentadas aqui, que envolvem construções intra e interdiscursivas, além de questões históricas, culturais e sociais. Procuramos, portanto, através da análise das gírias, desvelar os sentidos e resgatar a ideologia que há por trás delas e, em alguns momentos, buscar a memória que há na criação de gírias, que geralmente remetem a alguns fatos de infância, dentro da

própria comunidade, ou ainda fatos históricos, representados também na condição ideológica do sujeito.

Assim sendo, podemos constatar a hipótese levantada de que as gírias são utilizadas como estratégia de interação entre sujeitos marginalizados, principalmente pelo fato de resgatar elementos identitários que resgatam o valor do grupo social, do signo ideológico, porém, em uma plataforma diferente, sendo esta nas RSI, mais especificamente no *facebook*. A estratégia consiste, desta forma, em utilizar a gíria como um código secreto, um enigma que apenas os elementos do grupo social ao qual pertence este sujeito podem identificar. A interação, vista a partir de Bakhtin (p. 132) como a realidade essencial da língua, fruto da enunciação, de processos sociais e que nela circulam diversas questões ideológicas, sociais, morais, entre outros, é tida como o canal direto pelo qual perpassa a construção desta pesquisa.

Nesse sentido, esta pesquisa não “fecha as portas” para a investigação de outros significados, outros signos, outros fatores discursivos que estão inseridos na gíria e no discurso do sujeito, mas acrescenta novas perspectivas e formulações à natureza da gíria marginal e de seu uso, sobretudo propondo a ideia de movimentação, criação e poder de construção de discurso na linguagem de um modo geral.

REFERÊNCIAS

- AMANTE, Lúcia. Facebook e Novas Sociabilidades. In: PORTO, Cristiane & SANTOS, Edmea. **Facebook e Educação: Publicar, curtir, compartilhar**. EDUEPB: Campina Grande – PB, 2014, p. 9-38.
- ANDRÉ, André Luiz & GOES, Eda. **Violência Marginal: A Construção da Identidade e o sentido da violência**. *Revista Formação* – Edição Especial – n.13 v.2. p. 91 – 100. 2006.
- AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Sete Erros aos Quatro Ventos**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. HUCITEC: São Paulo: 2006.
- BECHARA, Evanildo (Org). **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- BETTONI, Rogério Andrade & ANDRADE, Maria José Netto. **A formação dos Grupos Sociais em Sartre**. *Revista Eletrônica Print by UFSJ*. São João del-Rei, n. 4, p. 67-75, jul. 2002.
- CABELLO, Ana Rosa Gomes. **Processos de Formação da Gíria Brasileira**. São Paulo: Revista Alfa, v. 35, p. 19 – 53, 1991.
- CASTILHO, Ataliba. O que se entende por Língua e por Gramática. In: **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, Glaucia Proença & LIMBERTI, Rita Pacheco. **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso Político: O discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos-SP: EDUFScar, 2014.
- CRANE, D. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Senac, 2006.
- FIALHO, Carlos Eduardo M. **Loiras: um estudo sobre cor do cabelo e produção da identidade**. *Revista Ártemis*. V, XVIII, nº 1, p. 199 – 211. Julho/Dezembro, 2014.
- FONSECA-SILVA, Maria da Conceição & POSSENTI, Sírio (org.). **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.
- GALISSON, R. & COSTE, D. **Dicionário de Didáctica das Línguas**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- GIL, Antônio. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: Diálogos e Duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- LOPEZ, Débora Cristina & DITTRICH, Ivo José. **Identidade Linguística: Regionalização ou Padronização?**. *Livro de Actas – SOPCOM*. V1, n1, p. 1300 – 1309.
- MONTEIRO, José Lemos. **As Palavras Proibidas**. Revista de Letras, v. 11, n. 12, p. 11-23, Jul./Dez. 1986. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17320/1/1986_art_jlmonteiro.pdf Acesso em 10 de Março de 2017, às 00:16.
- OLIVEIRA, Aline Meneguini de. **Urbanização brasileira e marginalidade: os olhares socioeconômico e sociocultural em contraponto**. Revista FAAC, Bauru, SP, 2012, p 57 – 69.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007
- _____. **Terra à Vista: Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. São Paulo, Cortez, Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi et al. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- _____. **O discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- PETTER, Margarida. Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 9-29.
- PRETI, Dino. **A Gíria e outros temas**. São Paulo: EDUSP, 1984.
- _____. **A Linguagem Proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1983.
- _____. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (Org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 4, p. 241-255.
- ROCHA, Zeferino. **Heráclito de Éfeso, filósofo do Lógos**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v7n4/1415-4714-rlpf-7-4-0007.pdf> >>. Acesso em 12 de Novembro de 2016, às 18:41.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral** (Tradução: Antônio Chelini). 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.
- VALADARES, Flávio Biasutti. **Revisitando a noção de gírias: do conceito à dicionarização**. Revista Eletrônica de Linguística: v 5, nº 4, 2011. Disponível em < <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11757/8052> > Acesso em 15 de Fevereiro de 2017, às 15:15.
- VALLADARES, Lícia do Prado. **A Invenção da Favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VIEIRA, Ítalla Maduell. **A Memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak.** Disponível em:<
http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701_ARQUIVO_Memoria_Itala_Maduell.pdf> acesso em 13 de Janeiro de 2017.

REFERÊNCIAS PARA O *CORPUS*

FACEBOOK. **Brega Bregoso.** Página Pública. Disponível em:
<https://www.facebook.com/bregabregosoo/?fref=ts> . Acesso em 10 de Janeiro de 2017.

FACEBOOK. **Eu me chamo ~KééHTLyN~.** Página Pública. Disponível em:
<https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/?fref=ts> . Acesso em 10 de Janeiro de 2017.